

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO/INGLÊS

WALTER FACÓ BEZERRA

**A tradução da linguagem jurídica em *To Kill a Mockingbird*,
de Harper Lee: análise comparada**

BRASÍLIA
2022

WALTER FACÓ BEZERRA

**A tradução da linguagem jurídica em *To Kill a Mockingbird*,
de Harper Lee: análise comparada**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Letras-Tradução/Inglês.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra Ramos de Oliveira Harden

BRASÍLIA
2022

WALTER FACÓ BEZERRA

A TRADUÇÃO DA LINGUAGEM JURÍDICA EM *TO KILL A MOCKINGBIRD*, DE HARPER LEE: ANÁLISE COMPARADA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para conclusão do curso de Letras-Tradução/Inglês.

Aprovado em: ___/___/___

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Alessandra Ramos de Oliveira Harden
Universidade Brasília
Orientadora

Prof.^a Dr.^a María del Mar Paramos Cebey
Universidade Brasília
Examinadora

Prof. M.Sc. Guilherme Pereira Rodrigues Borges
Universidade Brasília
Examinador

DEDICATÓRIA

À Néa, Arthur e Laís,
minhas melhores companhias, sempre.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do Instituto de Letras, pelos ensinamentos ministrados,

Aos componentes da banca examinadora, pela aceitação do convite, e

À professora Alessandra Harden, pela orientação segura e cordial.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.

João 1:1

RESUMO

Pesquisa no âmbito dos estudos de tradução que se propõe a examinar a linguagem jurídica empregada no romance *To Kill a Mockingbird*, da escritora americana Harper Lee. O objetivo principal do estudo consiste na realização de uma análise comparada de trechos da tradução realizada por Beatriz Horta, intitulada “O Sol é para todos”, com a tradução proposta na pesquisa. A metodologia adotada no estudo está apoiada na teoria funcionalista, proposta por Katharina Reiss e Hans Vermeer, no modelo de análise textual direcionado à tradução, desenvolvido por Christiane Nord, e no exame do relacionamento entre a literatura e o direito. O estudo constatou que a abordagem de Nord, que preconiza o exame detalhado dos fatores extratextual e intratextual, mostrou-se de especial relevância para uma mais ampla compreensão do texto fonte. A pesquisa corroborou, ainda, a aplicabilidade do modelo de Nord na tradução de textos literários marcados pelo uso expressivo de linguagem jurídica.

Palavras-chave: Estudos de tradução. Teoria funcionalista. Análise textual. Texto literário. Linguagem jurídica.

ABSTRACT

The translation of legal language in *To Kill a Mockingbird*, by Harper Lee:
comparative analysis

Research in the field of translation studies that analyzes the legal language used in the novel *To Kill a Mockingbird*, by the American writer Harper Lee. The main objective of the study is to perform a comparative analysis of excerpts from Beatriz Horta's translation, entitled "O Sol é para todos", with the translation proposed in the research. The methodology adopted in the study is supported by both the functionalist theory, proposed by Katharina Reiss and Hans Vermeer, and by the textual analysis model for translation, developed by Christiane Nord. In addition, the research also examined the relationship between literature and law. The study found that Nord's approach, which calls for a detailed examination of extratextual and intratextual factors, proved to be of particular relevance for a broader understanding of the source text. The research also corroborated the applicability of Nord's model in the translation of literary works dealing with juridical topics.

Keywords: Translation studies. Functionalist approach. Textual analysis. Literary text. Legal language.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| CAPÍTULO 1 – TEORIA E MÉTODO | 11 |
| 1.1. A Teoria funcionalista de Katharina Reiss e Hans Vermeer. | 11 |
| 1.2. O modelo de análise textual direcionado à tradução de Christiane Nord | 15 |
| 1.2.1 Panorama geral. | 15 |
| 1.2.2. O caminho para conhecer o texto e o seu entorno: os fatores extratextuais | 17 |
| 1.2.3. As sendas que levam ao interior do texto: os fatores intratextuais | 19 |
| 1.3. Técnicas e procedimentos complementares | 22 |
| CAPÍTULO 2 – ANÁLISE TEXTUAL DE <i>TO KILL A MOCKINGBIRD</i> SEGUNDO O MODELO DE NORD | 24 |
| 2.1. Os parâmetros de análise | 24 |
| 2.2. Visita à autora, ao Alabama e arredores: análise dos fatores extratextuais | 25 |
| 2.2.1. A emissora Harper Lee. | 25 |
| 2.2.2. O <i>Deep South</i> escravista americano ao tempo da Grande Depressão .. | 26 |
| 2.2.3. Mais foco nas lentes: análise dos demais fatores extratextuais | 28 |
| 2.3. Descendo às entranhas do romance: análise dos fatores intratextuais | 31 |
| CAPÍTULO 3 – A LITERATURA E O DIREITO EM <i>TO KILL A MOCKINGBIRD</i> | 39 |
| 3.1. O movimento Direito e Literatura. | 39 |
| 3.2. O direito e sua linguagem em <i>To Kill a Mockingbird</i> | 41 |
| CAPÍTULO 4 – APLICABILIDADE DO MODELO DE NORD E ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES | 45 |
| 4.1. Aplicabilidade do modelo de Nord à pesquisa. | 45 |
| 4.2. Aplicação prática do modelo | 47 |
| 4.2.1 Comentários iniciais. | 47 |
| 4.2.2 Análise comparada | 51 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 62 |
| REFERÊNCIAS | 64 |
| ANEXO: Texto fonte e texto alvo | 66 |

INTRODUÇÃO

Logo após Atticus afirmar que nos tribunais americanos a palavra de um homem branco sempre prevalece contra a de um homem negro, seu filho Jem se mostra inconformado com a condenação, sem provas, de Tom Robinson. Atticus, o advogado de Tom, aquiesce: “Se há um lugar onde uma pessoa deve ser tratada de forma justa é em um tribunal, não importa de qual cor do arco-íris ela seja”.¹

A afirmação contundente de Atticus atinge o âmago de um dos temas principais do romance *To Kill a Mockingbird*. O racismo não permitiu que Tom Robinson tivesse um julgamento justo. A indignação de Atticus continua a encontrar eco nos leitores atuais. Apesar de os Estados Unidos serem uma nação democrata, a injustiça, por lá, não é algo incomum. Por lá... e por outros plagas, o que mostra, a um só tempo, a atualidade e o alcance da obra de Harper Lee, mesmo após mais de sessenta anos de sua primeira publicação.

O romance *To Kill a Mockingbird* é o texto base desse estudo, que tem, como objetivo principal, realizar uma análise comparada de trechos da tradução realizada por Beatriz Horta, que recebeu o título de “O Sol é para todos”, com a tradução proposta na pesquisa. Os objetivos secundários são os seguintes: a) aplicar o modelo de análise textual direcionado à tradução de Christiane Nord ao romance *To Kill a Mockingbird*; b) examinar a relação entre o direito e a literatura, especialmente no que concerne a referida obra; e c) traduzir, após a aplicação do modelo de análise textual de Nord, parte do citado romance.

Para o alcance desses objetivos, o capítulo primeiro faz uma breve revisão bibliográfica da teoria funcionalista de Katharina Reiss e Hans Vermeer e, com maior ênfase, do modelo de análise textual direcionado à tradução, desenvolvido por Christiane Nord. Nesse mesmo capítulo, o estudo dos fatores extra e intratextuais de Nord ganha especial relevância.

Após a discussão teórica, o capítulo segundo, dividido em três seções, aplica, na prática, o modelo de análise textual de Nord à obra selecionada para tradução. A análise objetiva proporcionar uma melhor compreensão do romance com vistas à

¹ Todas as traduções mencionadas nas citações usadas neste trabalho são de nossa autoria. A afirmação de Atticus está assim grafada no texto original: *The one place where a man ought to get a square deal is in a courtroom, be he any color of the Rainbow.*

concretização do objetivo principal e do objetivo secundário referente à tradução dos excertos selecionados.

Na sequência, o capítulo terceiro pretende fazer a transição entre o modelo de análise textual de Nord e a sua aplicação prática, objeto do derradeiro capítulo. Para alcançar esse propósito, o capítulo discorre brevemente sobre o movimento Direito e Literatura, para, em seguida, examinar a realidade jurídica e social na fictícia cidade de Maycomb, no estado do Alabama (EUA), palco do romance. O propósito é o de ampliar o conhecimento e o entendimento da obra, especialmente em relação aos aspectos relacionados ao mundo jurídico.

Por fim, o quarto e último capítulo é dedicado exclusivamente ao alcance do objetivo principal do estudo: a análise comparada de trechos da tradução de Beatriz Horta (“O Sol é para todos”) com a tradução proposta na pesquisa. O capítulo encontra-se segmentado em duas seções: a primeira, de fundo mais teórico, tenciona mostrar a aplicabilidade do modelo de Nord ao estudo; a segunda, de caráter prático, realiza efetivamente a citada análise comparada.

Nas considerações finais do estudo, apresenta-se um brevíssimo resumo dos resultados obtidos em cada etapa do trabalho e conjectura-se sobre as esperadas serventias que ele possa ter gerado.

CAPÍTULO 1 – TEORIA E MÉTODO

Neste primeiro capítulo, discute-se a teoria da tradução que dá suporte ao estudo e a metodologia que o orienta, tendo-se presente que a parte teórica deve embasar a metodologia. Em relação à teoria da tradução, o trabalho apoia-se na abordagem funcionalista desenvolvida por Katharina Reiss e Hans Vermeer. Quanto à metodologia, o estudo segue o modelo de análise textual direcionada à tradução concebido por Christiane Nord. Do exercício de tradução (Anexo), trabalhado segundo a teoria e o método referidos, foram extraídos trechos que são objeto da análise comparada com a tradução realizada pela tradutora Beatriz Horta.

A seguir, portanto, aborda-se, em seções distintas, a teoria e o método que fundamentam o estudo.

1.4. A teoria funcionalista de Katharina Reiss e Hans Vermeer

Vista de uma perspectiva mais ampla, a teoria funcionalista da tradução — que teve como teóricos iniciadores e principais Katharina Reiss e Hans Vermeer (1996) — compreende a tradução como uma ação que se encontra circunscrita aos objetivos dos participantes de dado contexto comunicativo.

Christiane Nord (2016), uma das autoras que deu sequência e desenvolvimento à teoria funcionalista, e cujo modelo de análise textual direcionada à tradução será visto logo a seguir, informa que

A partir de 1978, Reiss e, particularmente, Vermeer frequentemente postularam como uma regra geral que o propósito do TA (texto alvo) é que deve determinar os métodos e as estratégias de tradução, e não a função do TF (texto fonte). Em 1978, Vermeer formulou esse postulado como *skopos*, o qual mais tarde se tornou o componente principal de sua teoria geral da tradução — *Skopostheorie*. (p. 22)

A teoria dá relevo à função pretendida pelo texto alvo, que irá decorrer do que foi estabelecido como objetivo ou propósito da tradução, isto é, o seu *skopos* (palavra de origem grega — σκοπός — que significa “intento”, “meta”, “propósito”, “função” ou “escopo”). O propósito da tradução é determinado, de forma geral, pelo “iniciador” (pessoa ou organização) do processo de tradução. Aqui, o texto fonte é considerado como uma oferta de informação, não se subordinando a tradução aos aspectos

puramente linguísticos presente naquele texto. No entanto, não se deve concluir que o texto fonte será descaracterizado ou desvirtuado. Na *Skopostheorie*, o tradutor mantém o dever de lealdade para com o texto fonte, uma vez que o seu autor é o emissor do ato comunicativo e suas expectativas quando ao texto devem ser respeitadas.

Ao discorrer sobre a figura do iniciador, Nord (2016) esclarece que

O processo de ação tradutória é iniciado porque o iniciador precisa de um instrumento comunicativo específico: o texto alvo. Isso pressupõe que o iniciador necessita desse texto alvo para um determinado propósito. A recepção do texto alvo pelo iniciador, ou por qualquer outra pessoa à qual o texto alvo possa ser passado, depende desse propósito, que determina os requisitos que devem ser preenchidos pela tradução. (p. 28)

Ao voltar-se para o *skopos* da tradução, a teoria, portanto, apresenta uma visão ou concepção teleológica. O postulado dos funcionalistas é que a função do texto traduzido pode vir a ser diferente da pretendida no texto original. A decorrência dessa visão se impõe: é o iniciador da tradução que aponta o seu escopo, não coincidindo necessariamente com o objetivo do texto original. É que o texto traduzido está inserido no contexto da recepção, e não no contexto da cultural de origem. Na prática, portanto, o processo de tradução é determinado pela função pretendida para o texto (seu *skopos*), conforme estabelecido pelo iniciador.

Ao discorrer sobre as teorias funcionalistas em países de língua alemã, Gentzler (2009), afirma que

As duas mais importantes mudanças em desenvolvimentos teóricos na teoria da tradução nas últimas duas décadas foram (1) a de teorias orientadas pelo texto-fonte para teorias orientadas pelo texto-alvo e (2) a mudança para incluir fatores culturais, bem como elementos linguísticos, nos modelos de prática para tradução. Os que defendem abordagens funcionalistas foram os primeiros em ambas as áreas. (p. 100)

Esse mesmo autor destaca, logo a seguir, a importância do aspecto comunicativo na teoria funcionalista:

O surgimento de uma teoria da tradução funcionalista marca um momento importante na evolução da teoria da tradução, quebrando a corrente teórica com 2 mil anos de idade que gira em torno do eixo fiel *versus* livre. As abordagens funcionalistas podem ser uma coisa ou outra, e ainda assim permanecer verdadeiras à teoria, desde que a abordagem escolhida seja suficiente para o objetivo da comunicação. (GENTZLER, 2009, p. 101)

A liberdade e a flexibilidade que a teoria dá ao profissional da tradução é limitada apenas pela consciência operativa que o tradutor — que executa de maneira ativa a produção do texto alvo — há de ter, no sentido de perceber que abordagem é

mais apropriada para determinada situação. Os funcionalistas valorizam e apostam na capacidade dos tradutores “de tomar decisões apropriadas, racionais, que levem à realização da comunicação entre as culturas” (GENTZLER, 2009, p. 101).

A teoria funcionalista da tradução, ao se dirigir de forma prospectiva ao texto alvo e à cultura alvo, coloca o destinatário final do processo de tradução (o leitor do texto final) em uma posição proeminente, ao ponto de esse fato condicionar as próprias escolhas tradutórias. Assim, as decisões do tradutor haverão de ajustar o texto fonte às expectativas do público leitor da língua de chegada. O resultado alcançado no texto alvo condiciona-se, portanto, aos objetivos propostos. Isso porque, dado que a tradução é uma ação humana, essa atividade tem necessariamente uma intenção ou propósito.

É nesse sentido que Nord (2016, p. 30) afirma categoricamente que a “função do texto alvo não é alcançada automaticamente a partir de uma análise do texto fonte, mas é pragmaticamente definida pelo propósito da ação tradutória.” No mesmo contexto, Gentzler (2009, p. 100) comenta que “[o]s teóricos funcionalistas concebem a tradução como uma *ação* realizada por uma pessoa que tem uma meta de comunicação específica, a que Reiss e Vermeer se referem como o *Skopos* do texto”.

Ora, como o grau de propriedade da comunicação (adequação entre o significado e o contexto em que é empregada) relaciona-se à meta pretendida, o aspecto cultural assume, na *Skopostheorie*, uma importância fundamental. Desse modo, o texto alvo haverá de funcionar de forma adequada na situação em que é usado pelos destinatários do texto na cultura alvo.

Uma tradução é funcionalmente equivalente quando tem por objetivo transpor para a língua alvo, de forma adequada, o mesmo significado contido no texto fonte. Assim, o objetivo prioritário é traduzir o sentido do texto fonte, considerando-se o contexto, tanto da cultura fonte quanto da cultura alvo. Ademais, o texto traduzido há de soar de forma natural e coerente na língua alvo, sempre com observância do conceito que o tradutor tem do *skopos* do texto que está sendo trabalhado.

É com esse sentido que Nord (2016) afirma que

O ponto principal sobre a abordagem funcional é o seguinte: não é o texto fonte como tal, ou seu efeito sobre o receptor do TF, ou a função que lhe foi atribuída pelo autor, que determinam o processo de tradução, tal como postulado pela teoria da equivalência, mas sim a função pretendida ou o *skopos* do texto alvo, tal como determinado pelas necessidades do iniciador. Este ponto de vista corresponde à *Skopostheorie* de Vermeer. (p. 29)

É necessário, portanto, que haja um esforço consciente do tradutor na busca por soluções adequadas, respeitadas as condições culturais e as expectativas ou necessidades do público ao qual a tradução é destinada. O texto de chegada é orientado para a cultura alvo, sendo esse aspecto que, em última instância, define a adequação da tradução. A responsabilidade do tradutor estaria, então, em conseguir que o seu trabalho alcance esse grau de funcionalidade, assegurando-se que o objetivo previamente delineado seja alcançado.

Como se percebe pelas considerações expostas, Reiss e Vermeer deslocam a noção de tradução — até então considerada um processo essencialmente linguístico, — para um processo sobretudo cultural. O pressuposto é que o ato de traduzir é uma ação humana, dotada de propósitos e intenções, e inevitavelmente inserida em um sistema cultural repleto de particularidades. Daí deriva a ideia de escopo na tradução à qual todo processo tradutório deveria se submeter.

Os referidos autores também propõem a substituição da noção de equivalência (entre o texto de partida e o de chegada) pelo princípio da funcionalidade, ou seja, o modo como o projeto tradutório será realizado dependerá do escopo a ele associado, o que não descarta necessariamente a busca pela equivalência, sendo essa uma possibilidade.

Parece evidente que as razões para a adoção do modelo — que, como já afirmado, percebe a tradução essencialmente como uma comunicação entre culturas diferentes — acabam por valorizar o próprio trabalho do tradutor. De fato, ao valorizar sobretudo a posição dos receptores dos textos de chegada (elementos derradeiros do ato comunicativo, que os completa), o tradutor, mais claramente, é visto como produtor do texto direcionado à cultura de chegada, embora, por evidente, ainda vinculado ao produtor do texto de partida.

A teoria do *skopos* apresenta, no âmbito dos estudos de tradução, um aspecto original, uma vez que considera a tradução um produto dependente de sua função na cultura alvo. De fato, para Vermeer (2004)

Em geral, um texto fonte é composto originalmente para uma situação na cultura fonte; daí o seu estatuto de “texto de partida”, e daí o papel do tradutor no processo de comunicação intercultural. Isso permanece verdadeiro para um texto fonte que foi produzido especificamente com a comunicação transcultural em mente. Na maioria dos casos, falta ao autor original o conhecimento necessário da cultura de destino e de seus textos. Se ele tivesse o conhecimento necessário, certamente que comporia seu texto nas

condições da cultura alvo, na língua alvo! A língua é parte de uma cultura.²
(p. 222)

Como se vê, a teoria do *skopos* guarda uma proximidade muito grande com o aspecto cultural. Então, na abordagem cultural, a antiquíssima disputa em torno da fidelidade é amenizada, embora, de forma alguma, descartada, ponto muito lembrado por Nord (2016), ao mencionar o dever de respeito e lealdade ao texto original. A ênfase, aqui, é mais voltada para a finalidade da tradução.

1.2. O modelo de análise textual direcionado à tradução de Christiane Nord

Fica evidenciado, pelo que se discorreu na seção anterior deste capítulo, que o modelo de análise textual para a tradução desenvolvido por Christiane Nord, particularmente na obra *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática* (tradução, com adaptação, que orientou a pesquisa), tem como fundamento teórico a abordagem funcionalista da tradução. Pode-se afirmar que a relevância do método de Nord — que postula aplicabilidade para qualquer tipo de tradução — está, em grande medida, exatamente na sua sustentação teórica.

1.2.1. Panorama geral

Em essência, o modelo de análise textual voltada à tradução de Nord — aplicável, de forma ampla, ao processo tradutório, à crítica da tradução e à formação de tradutores — objetiva extrair a função do texto fonte, no âmbito da cultura fonte, para, então, ter um objeto de comparação com a provável função do texto alvo na cultura alvo. Com base nesse parâmetro, se torna possível determinar os elementos que serão preservados e os que devem passar por um processo de adaptação.

O modelo dá grande destaque aos chamados fatores ou dimensões extratextuais (ou externos) e aos fatores intratextuais (ou internos) relacionados ao

² A source text is usually composed originally for a situation in the source culture; hence its status as “source text”, and hence the role of the translator in the process of inter cultural communication. This remains true of a source text which has been composed specifically with transcultural communication in mind. In most cases the original author lacks the necessary knowledge of the target culture and its texts. If he did have the requisite knowledge, he would of course compose his text under the conditions of the target culture, in the target language! Language is part of a culture.

texto objeto da tradução. A autora afirma (2016, p. 73) que “os fatores da situação comunicativa em que o texto fonte é utilizado são de importância decisiva para a análise dos textos porque determinam sua função comunicativa.” Os fatores extratextuais são assim expostos pela autora:

Os fatores extratextuais são analisados mediante a solicitação de informações sobre o autor ou emissor do texto (quem?), a intenção do emissor (para quê?), o público para o qual o texto é direcionado (para quem?), o meio ou canal pelo qual o texto é comunicado (por qual meio?), o lugar (em qual lugar?), o tempo da produção e recepção do texto (quando?) e o motivo da comunicação (por quê?). O conjunto de informações referentes a esses sete fatores extratextuais pode fornecer uma resposta à última questão, que diz respeito à função que o texto pode alcançar (com qual função?). (NORD, 2016, p. 75)

De forma paralela, Nord lista e discorre, também em forma de perguntas curtas e diretas, sobre os fatores intratextuais:

Os fatores intratextuais são analisados mediante solicitação de informações sobre o tema de que o texto trata (sobre qual assunto?), a informação ou conteúdo apresentados no texto (o quê?), as pressuposições de conhecimento feitas pelo autor (o que não?), a estruturação do texto (em qual ordem?), os elementos não linguísticos ou paralinguísticos que acompanham o texto (utilizando quais elementos não verbais?), as características lexicais (com quais palavras?) e as estruturas sintáticas (com/em quais orações?) que são encontrados no texto, e as características suprasegmentais de entoação e prosódia (com qual tom?). (...) A última pergunta (com qual efeito?) refere-se (...) a um conceito global ou holístico, que inclui a interdependência dos fatores extratextuais e intratextuais. (p. 75)

Nord defende que o *status* do tradutor é comparável ao do produtor do texto fonte. Para a autora, o tradutor, no desenvolvimento de seu afazer, deve não só observar as instruções do iniciador da tradução, mas também redigir um texto que esteja em conformidade com as normas e as regras da língua e da cultura alvo.

A intenção do iniciador relaciona-se à função pretendida para o texto; a sua importância advém do fato de que a intenção influencia o conteúdo e a própria forma do texto. Como destacado na seção anterior deste capítulo, o destinatário do texto alvo desempenha um papel de crucial importância para a abordagem funcionalista da tradução, na medida em que ele, especialmente por se encontrar em outra cultura, se diferencia do receptor do texto fonte. É de se esperar que com a aplicação do modelo — sobretudo por intermédio da análise dos fatores extra e intratextuais —, se obtenha informações sobre as expectativas do público alvo. O pressuposto é de que, a partir desse ponto, o tradutor estará apto a traçar as estratégias de tradução que orientarão a escrita do texto alvo.

Cabe, agora, examinar mais detalhadamente as dimensões extra e intratextuais. Nessa breve descrição de cada um dos fatores, procura-se destacar, sempre que possível, elementos e aspectos que se coadunem com o material selecionado no projeto tradutório, isto é, um texto escrito pertencente ao gênero literário.

1.2.2. O caminho para conhecer o texto e o seu entorno: os fatores extratextuais

Os fatores extratextuais, como se pode extrair de sua denominação, ocupam-se dos aspectos exteriores ao texto, determinando o seu contorno: o emissor ou produtor do texto, a intenção do emissor, o público ao qual o texto se destina, o meio de comunicação ou canal, o lugar ou espaço, o tempo, o motivo e a função textual.

Emissor. O emissor é a pessoa ou instituição que, por meio do texto, emite ou envia uma mensagem para a outra pessoa (o receptor) com o objetivo de produzir um certo efeito. Nord (2016, p. 83) faz uma distinção entre os papéis do emissor e do produtor de texto, mas ressalva que, em muitos casos (entre eles o de obras literárias, objeto dessa pesquisa), essas funções são exercidas por uma mesma pessoa.

Intenção do emissor. A intenção do emissor diz respeito à função que ele espera que o texto desempenhe. Nas palavras de Nord (p. 91): “De forma a verificar a dimensão da intenção, temos de perguntar que função o emissor pretende que o texto cumpra e que efeito sobre o receptor ele quer alcançar mediante a transmissão do texto.” Ocorre que, como alerta a autora, embora a intenção seja definida a partir do ponto de vista do emissor, nada garante que o resultado alcançado estará em conformidade com o propósito delineado. E aqui, Nord (2016) esclarece um ponto essencial (vinculado à teoria funcionalista):

É o receptor que “completa” a ação comunicativa pela recepção, ou seja, usando o texto em certa função, que é o resultado da configuração ou a constelação de todos os fatores situacionais (incluindo a intenção do emissor e as expectativas próprias do receptor com base no seu conhecimento da situação). A questão “o que o emissor visa com o texto?” pertence à dimensão da intenção. (p. 91/92)

Público. O destinatário do texto (receptor ou público) pode ser considerado como um dos fatores mais relevantes nas abordagens funcionais da tradução. Nord (2016, p. 98) destaca, no entanto, que “embora a importância do público seja comumente reconhecida na teoria da tradução, não há qualquer outro fator que seja

tão frequentemente negligenciado na prática da tradução”. E mais adiante (p. 99), numa postura sempre alinhada com a teoria funcionalista: “Uma vez que cada texto alvo é dirigido especificamente para os receptores em situações diferentes daquelas em que o texto fonte é ou foi dirigido, a adaptação, precisamente, desses elementos é de especial importância”.

Meio. O meio de comunicação ou canal refere-se ao veículo utilizado para enviar o texto ao seu destinatário. Influencia tanto as condições de sua recepção quanto a de sua produção, uma vez que determina o modo ou a forma com as informações devem ser apresentadas ao destinatário da comunicação.

Lugar. No campo da tradução, o aspecto cultural é um ponto de interesse primordial, sobretudo em razão da grande influência que ele exerce sobre o texto fonte. Daí decorre a relevância da dimensão do espaço, tanto em relação ao lugar da produção do texto, quanto ao lugar de sua recepção.

Tempo. Nord (2016, p. 118) sustenta que “o tempo da produção do texto é, em primeiro lugar, um importante pré-sinal para o estado histórico de desenvolvimento linguístico que o texto representa”, o que pode apontar para as características específicas do tipo texto que se examina. Ademais, o tempo da produção e publicação revela a situação histórica daquele momento e traz ao receptor ou tradutor do texto importantes informações para a sua compreensão.

Motivo. Trata-se não só da razão que motivou a feitura do texto, mas também da ocasião para a qual ele foi produzido. Para Nord (2016, p. 128), a dimensão do motivo é especialmente de interesse para o tradutor “porque ele tem que confrontar o motivo para produção do TF [texto fonte] com o motivo da produção do TA [texto alvo] e descobrir o impacto que este contraste exerce sobre as decisões de transferência”.

Função textual. Visto que este trabalho é orientado pela teoria funcionalista (bem como o próprio modelo de análise textual de Nord), o fator função textual assume uma maior importância. Para a citada autora (2016, p. 130) “a noção de função do texto equivale à função comunicativa, ou à combinação de funções comunicativas que um texto cumpre na sua situação concreta de recepção”, portanto essa dimensão vincula-se ao aspecto situacional da comunicação. Entre as funções básicas da comunicação, encontra-se a função expressiva (ou emotiva), características dos textos literários. Ao discorrer sobre a função especial dos textos literários, Nord (2016) explica:

Os emissores de textos literários são geralmente autores individuais que também são os produtores — e que, no contexto literário, são conhecidos como “escritores”. Sua intenção não é descrever a “realidade”, mas motivar entendimentos pessoais sobre a realidade mediante a descrição de um mundo fictício (alternativo). Os textos literários são principalmente destinados a receptores que têm uma expectativa determinada, baseada na sua experiência literária e no seu domínio do código literário. (p. 131)

1.2.3. As sendas que levam ao interior do texto: os fatores intratextuais

Os fatores intratextuais, como se extrai de sua denominação, ocupam-se dos aspectos internos do texto, configurando-o. Centrada, como sempre, no propósito comunicativo, Nord (2016, p. 144) — com o objetivo de investigar quais seriam as dimensões intratextuais que deveriam ser levadas em conta no processo de produção textual — adota, para estabelecer os fatores, a perspectiva de um emissor que produz um texto: assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe e características ou elementos suprasegmentais.

Assunto. Diz respeito ao tema, à matéria, ou ao tópico tratado, pelo emissor, no texto que produz. Para Nord (2016, p. 152-154) a análise do assunto pelo tradutor é importante por várias razões, tais como: a) indicar se o texto é coerente (quando um único assunto domina todo o texto) ou se apresenta um número de assuntos diferenciados ou dispostos hierarquicamente, configurando uma “combinação textual”; b) indicar possíveis pressuposições e a sua importância para a tradução, nas situações em um certo assunto insere-se em um específico contexto cultural; ou c) permitir ao tradutor avaliar se possui o conhecimento especializado necessário à compreensão e tradução do texto ou orientá-lo quanto às pesquisas que deve realizar antes de traduzir o texto.

Conteúdo. Esse fator, segundo Nord (2016, p. 161-162), pode ser entendido como “a referência textual a objetos e fenômenos da realidade extralinguística, reais e/ou fictícios, expressos pela informação semântica das estruturas lexicais e gramaticais (palavras e frases; padrões sintáticos; tempo verbal; modo etc.) empregadas no texto”. É por intermédio dessa dimensão intratextual, associada à análise da situação comunicativa, que o tradutor pode bem compreender o significado do texto, isto é, o que o autor (emissor) quis expressar. A análise do conteúdo também permite comparar a realidade interna do texto com a realidade externa, revelando se se trata ou não de um texto ficcional.

Pressuposições. Ao discorrer sobre essa dimensão, Nord (2016, p. 170) esclarece — diante da complexidade conceitual do termo — que este fator intratextual não deve ser confundido com a “pressuposição lógica” (valor de verdade dos enunciados) nem com a “pressuposição filosófica” (condição necessária para a significação plena da frase). Trata-se de uma “pressuposição pragmática” (aceitas concomitantemente pelo falante e pelo ouvinte); dessa forma, nas palavras de Nord, “a comunicação somente pode ter sucesso se o falante e o ouvinte aceitarem, implicitamente, uma quantidade suficiente das mesmas pressuposições.”

Estruturação. Essa dimensão intratextual deve ser compreendida de forma ampla, isto é, englobando tanto a macroestrutura (estrutura e ordem de unidades informacionais, como capítulos e parágrafos) quanto a microestrutura (unidades textuais menores, como orações e frases) do texto. Ao destacar a importância dessa dimensão para a análise textual, Nord (2016, p. 179) informa que “a análise da estrutura textual pode revelar informações valiosas sobre o tipo de texto e, talvez, até sobre a função textual” e que em “textos muito complexos ou incoerentes, a análise de microestruturas informacionais pode revelar a informação básica ou o assunto do texto”.

Elementos não verbais. Nord (2016, p. 190) define os elementos não verbais como sendo “signos oriundos de outros códigos não linguísticos, empregados para suplementar, ilustrar, desambiguar ou intensificar a mensagem do texto”. A autora esclarece que se trata de um conceito funcional, cujo propósito é complementar a comunicação verbal. São exemplos de elementos não verbais: fotos, ilustrações, tabelas, gráficos e fontes especiais de impressão.

Léxico. A dimensão lexical permite a análise do repertório de palavras (vocabulário) que compõe o texto tanto do ponto de vista semântico e estilístico (conotações, sentidos figurativos, expressões idiomáticas etc.) quanto morfológico (derivação, composição etc.). Essa dimensão ilustra muito bem a interdependência dos fatores extra e intratextuais, conforme exemplifica Nord (2016):

As características semânticas e estilísticas do léxico (tais como conotações, campos semânticos, registro), por exemplo, podem apontar para dimensões de conteúdo, assunto e pressuposições, enquanto as características formais e gramaticais (tais como partes da oração, função de palavras, morfologia) indicam estruturas sintáticas e características suprasegmentais previsíveis. (p. 197)

Sintaxe. Neste fator, as palavras componentes do léxico são estudadas enquanto elementos de uma frase ou sentença, tais como a construção de orações, as relações de concordância, a disposição de orações principais e subordinadas, os mecanismos de coesão textual. Nord (2016, p. 210), sempre com foco nos objetivos do seu modelo de exame textual direcionado à tradução, enfatiza que “a análise da sintaxe no processo tradutório não é um fim em si mesma, mas tão somente um meio para se alcançar uma interpretação funcional”.

Características suprasegmentais. Nord (2016, p. 212) define essa dimensão como sendo “todos os aspectos da (...) organização textual que se sobreponham às fronteiras da análise de segmentos lexicais ou sintáticos, frases e parágrafos, e que formem a “configuração” fonológica ou o “tom” específico de um texto”. Relativamente aos textos escritos, essas características são sinalizadas por tipos de letras, aspas, itálico, travessões, parênteses etc. A citada autora (2016, 217-218) lembra, ainda, que os “fatores rítmicos, como melodia, aliterações e rima, sempre tiveram um papel importante na análise de textos literários, e sua relevância na tradução literária é indiscutível”.

É relevante destacar que Nord (2016), ao concluir a exposição de cada um dos fatores extra e intratextuais — que auxiliam na determinação da função comunicativa do texto — enfatiza a interdependência entre esses fatores:

Assim como os fatores extratextuais, os fatores intratextuais são intimamente relacionados uns aos outros, de modo que o caráter recursivo do modelo de análise precisa ser novamente enfatizado. Considerando que a informação e as pistas suscitadas e reveladas sobre cada fator incidem também sobre elementos característicos de outros fatores, não é possível manter sempre uma progressão linear no processo de análise do texto. (p. 223)

Como se pode perceber, a abordagem funcionalista dá especial atenção ao projeto tradutório, isto é, a delimitação dos propósitos visados pela tradução, tendo como elemento determinante o receptor do texto de chegada, destinatário final da tradução que fecha o ciclo do ato comunicativo.

De todo o exposto, vê-se que a abordagem de Nord é muito relevante ao direcionar o trabalho do tradutor antes e primeiro que tudo à integral compreensão do texto fonte. Como um cozinheiro que, com bom ânimo e perícia, destrincha um boi, o tradutor há de agarrar o livro pelas “orelhas” e destrinchar o texto com destreza, desvendando-o; mas, antes, é preciso conhecê-lo... e conhecê-lo bem, o que requer,

além de experiência, um olhar crítico.³ Não é sem razão que Nord afirma que, “na formação de tradutores, esse olhar profissional deve ser cultivado.” (p. 32).

Conforme orienta Nord (2016, p. 80), ao aplicar o modelo, o pesquisador deve se orientar por uma questão fundamental: dada a situação global do texto em análise e considerando-se o *skopos* da tradução, que informações sobre os diferentes fatores seriam relevantes para o trabalho de tradução? Assim, para orientar e facilitar a busca pela resposta a essa pergunta, Nord, após discorrer sobre cada um dos fatores de análise de tradução, fornece, para cada um deles, um banco de questões que pretende auxiliar o tradutor a encontrar as informações desejadas.

Ao término dessa seção, julga-se cabível apontar duas sucintas considerações acerca da análise textual voltada à tradução de Nord, sem, de modo algum, desmerecê-la (tanto que ela integra, como parte essencial, este trabalho). Em primeiro lugar, considerando-se que a aplicação do modelo demanda do tradutor um grande esforço de pesquisa, faz-se necessário avaliar, em cada situação concreta de trabalho, se os resultados obtidos — quanto ao exame detalhado de cada um dos fatores — compensarão o labor empreendido. Em segundo lugar, há de se estar atento para o fato de que nem sempre o pesquisador terá acesso a todas as informações e condições relacionadas à produção do texto fonte sob sua análise, o que exigirá do tradutor criatividade para fazer as adaptações e ajustes necessários no modelo.

1.3. Técnicas e procedimentos complementares

Além da teoria funcionalista de Katharina Reiss e Hans Vermeer e do modelo de análise textual de Christiane Nord, a pesquisa considerou, ainda, algumas técnicas e procedimentos complementares, tanto para a realização da tradução inserta no anexo, quanto para a análise comparada com a tradução de Beatriz Horta.

Dessa forma, descendo-se a um nível de maior concretude prática na aplicação da metodologia, a tradução dos excertos de capítulos, adotou, em complemento, as seguintes estratégias ou procedimentos (algumas delas necessárias, porque pressupostas, ao modelo de Nord): a) coleta e leitura de informações sobre a autora;

³ Comparação inspirada no belíssimo poema, do filósofo taoísta chinês Chuang Tzu (século IV a. C), intitulado “Destrinchando um boi”.

b) leitura integral da obra, tanto em inglês, a língua de partida, quanto a tradução adotada para consulta e confronto; c) coleta e leitura de comentários, artigos e resumos sobre a obra; d) pesquisa acerca do local onde se passa a história e o contexto da época (Alabama, EUA, logo após a Grande Depressão, iniciada em 1929); e) seleção dos excertos (os que mais contivessem aspectos jurídicos, sobretudo os relacionados à situação de Tom, desde a acusação, passando pelo processo e, por fim, o julgamento realizado pelo sistema de júri); f) estudo dos termos técnicos jurídicos contido nos excertos; g) tradução dos excertos de capítulos.

Para a tradução de cada excerto, foram adotados, em linhas gerais, os seguintes procedimentos: a) busca pelo máximo entendimento do conteúdo de cada excerto, por meio, basicamente, de releitura atenta dos trechos escolhidos, observando-se a mensagem do texto, a linguagem adotada etc.; b) realização da tradução propriamente dita, com apoio inicial na ferramenta Google Tradutor; c) consulta a diversos dicionários, principalmente *Longman*, *Merriam-Webster*, *Collins*, *Michaelis*, além de consultas aos livros *Vocabulando*, de Isa Mara Lando, e o *Guia Prático de Tradução Inglesa*, de Agenor Soares dos Santos, e, ainda, *sites* diversos da Internet (mencionados nas referências); d) confronto da versão resultante com a da tradução selecionada; e) feitura das alterações julgadas necessárias; f) nova leitura da tradução de todos os excertos, confrontando-o mais uma vez com o original com vistas a uma revisão, especialmente em relação à fluência e à correção da linguagem.

Acrescente-se que também foram utilizados dicionários em português — com destaque para o Houaiss (inclusive o de sinônimos e antônimos) e o dicionário jurídico de Marcílio Moreira de Castro —, sobretudo quando se fazia necessário encontrar sinônimos que fossem mais apropriados ao contexto da obra, tanto quando se procurou evitar repetições, bem como quando se buscou fixar de forma mais adequada a ideia ou a mensagem contida no texto original.

CAPÍTULO 2 – ANÁLISE TEXTUAL DE *TO KILL A MOCKINGBIRD* SEGUNDO O MODELO DE NORD

Após a breve discussão teórica, passa-se, nas três seções deste capítulo, à aplicação prática do modelo de análise textual direcionado à tradução, proposto por Christiane Nord, à obra selecionada para tradução: *To Kill a Mockingbird* da escritora Harper Lee. O propósito dessa análise está direcionado, inicialmente, a uma melhor e mais ampla compreensão da obra com vistas à tradução dos excertos selecionados; para, em momento posterior realizar um breve estudo — contendo trechos dos excertos selecionados — comparativo e exemplificativo entre a tradução de Beatriz Horta e a tradução proposta.

2.1. Os parâmetros de análise

A aplicação do modelo deve, por evidente, preceder o trabalho propriamente dito de tradução. Presume-se que, ao término da análise textual, o tradutor estará melhor aparelhado para realizar o seu trabalho. O pressuposto básico é, conforme expõe Nord (2016, p. 265) “quanto mais conhecimento o tradutor tiver acerca da situação na qual o TF [texto fonte] é, ou foi, usado, tanto maior a compreensibilidade do texto.” Por exemplo, as dificuldades contidas no texto em si (fatores intratextuais) podem ser diminuídas (proporcionando um maior entendimento e compreensão) conforme o tradutor disponha de uma maior quantidade de informações acerca dos fatores ou dimensões extratextuais, externas ao texto.

Inicia-se, ao molde da sequência adotada no capítulo anterior, pelos fatores extratextuais (emissor, intenção do emissor, público, meio, lugar, tempo, motivo e função textual) e conclui-se com a análise dos fatores intratextuais (assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe e características suprasegmentais). De acordo com a relevância do fator para o projeto de tradução (texto literário escrito, com recorte de trechos com predomínio da linguagem jurídica), a análise será mais detida e detalhada ou mais breve e superficial. Portanto, na análise do texto fonte, procurou-se dar ênfase à identificação dos elementos e características mais relevantes para a feitura da tradução proposta e do exame comparativo entre essa tradução e a de Beatriz Horta.

2.2. Visita à autora, ao Alabama e arredores: análise dos fatores extratextuais

Nas duas subseções seguintes são trabalhados três fatores extratextuais. A primeira subseção atém-se ao fator **emissor**, discorrendo, portanto, sobre a escritora Harper Lee, autora do romance *To Kill a Mockingbird*. A segunda subseção se ocupa das dimensões **lugar** e **tempo**, expondo, assim, sobre o contexto histórico do romance. A subseção seguinte, a terceira, analisa, em bloco, os demais fatores extratextuais.

2.2.1. A emissora Harper Lee⁴

A autora Nelle Harper Lee, é a emissora do texto, dado que é ela que deseja, por meio da obra *To Kill a Mockingbird*, que seu pensamento, imaginação e impressões sejam dirigidas ao público leitor.

Harper Lee, nasceu em Monroeville, no estado do Alabama (EUA), em 28 de abril de 1926 e faleceu no mesmo local, em 19 de fevereiro de 2016. Nelle era o nome de sua avó soletrado de trás para frente, e o seu nome do meio, *Harper*, foi escolhido por seus pais para homenagear o pediatra Dr. William Harper que salvou a vida de sua irmã Louise. Pelo lado paterno, Harper Lee pertencia à proeminente família Lee, a mesma do general confederado Robert E. Lee.

Harper era, desde a infância, amiga do renomado escritor e dramaturgo Truman Capote que costumava visitar a família Lee, em Monroeville, entre os anos 1928 e 1934. O personagem Dill, amigo de Scout e Jem, teria sido inspirado em Truman Capote.

Harper Lee estudou no *Huntington College* e depois foi transferida para a Universidade do Alabama, onde escrevia para o jornal da universidade. Em 1948, Lee participou de um programa de verão, na Universidade de Oxford. Para agradar a família (seu pai e sua irmã Alice eram advogados), retornou à Universidade do Alabama, para estudar direito, mas não chegou a se formar. Em 1949, então com 23 anos, mudou-se para Nova Iorque, onde trabalhou em uma companhia aérea. Enquanto residia em Nova York, escreveu vários ensaios e contos, que não chegaram

⁴ As informações contidas nesta subseção foram colhidas de diferentes fontes, com destaque para Mills (2014) e Grimes (2016), além de sítios diversos na Internet.

a ser publicados. Um desses contos foi transformado em romance, cujo manuscrito foi submetido para publicação. Embora não aceito, os editores encorajaram Lee a reescrevê-lo o que, por fim, veio a resultar em *To Kill a Mockingbird*, publicado no ano de 1960, por intermédio da extinta J. B. Lippincott & Co.

Em 1961, foi laureada com o prêmio *Pulitzer* de ficção, pela obra mencionada, traduzida no Brasil com o título de “O Sol é para todos”. Também foi agraciada com a Medalha Presidencial da Liberdade, em 2007 (premiação civil americana de maior relevância), e com a Medalha Nacional de Artes, em 2010 (concedida pelo presidente Barack Obama), em razão de suas contribuições às artes.

Do exposto, pode-se considerar que as características da emissora do texto, a escritora Harper Lee, estão bem demarcadas, aí constando informações sobre ano de nascimento (idade), origem social e geográfica, educação, entre outras. O conhecimento desses dados permite ao tradutor fazer algumas inferências (tais como, as informações que seriam relevantes para a tradução, o papel social do texto, o público que pretendia alcançar) ou ter algumas expectativas sobre outras dimensões do modelo de Nord, como, por exemplo, a intenção e a função.

2.2.2. O *Deep South* escravista americano ao tempo da Grande Depressão

No do capítulo 23 de *To Kill a Mockingbird*, Atticus Finch — em veemente diálogo com o filho Jem (que não se conformava com a condenação à morte de Tom Robinson, negro injustamente acusado de ter cometido estupro contra uma mulher branca) — faz uma afirmação que, vista pela ótica dos tempos atuais, se revelaria profética: “Para mim não há nada mais repugnante do que um homem branco de quinta categoria que se aproveita da ignorância de um negro. Não se iludam — esta dívida está se acumulando e, um dia desses, vamos pagar essa conta.”⁵

De fato, embora o romance tenha sido publicado em 1960 (e escrito, em sua versão definitiva, um pouco antes) — tempo em que os Estados Unidos e o Alabama de Harper Lee vivenciavam inúmeras manifestações em prol dos direitos civis, particularmente contra a segregação racial —, mesmo nos dias atuais, infelizmente, ainda se assistem movimentos, muitas vezes explosivos, em razão da discriminação

⁵ There’s nothing more sickening to me than a low-grade white man who’ll take advantage of a Negro’s ignorance. Don’t fool yourselves—it’s all adding up and one of these days we’re going to pay the bill for it. (LEE, 2010, p. 243/244).

racial, bastando citar o movimento *Black Lives Matter* e o exemplo do assassinato de George Floyd, em maio de 2020, por um policial branco, que gerou manifestações de protesto por todo o país, com a participação de milhões de pessoas. A previsão de Atticus continua a ressoar... e a conta ainda não está totalmente quitada.

Nesse contexto, as dimensões extratextuais de Nord relativas ao **tempo** e **lugar** podem ser, em *To Kill a Mockingbird*, objetivamente assim resumidas: o romance foi publicado em 1960 e todo o seu enredo se passa entre os anos 1933 e 1935, na fictícia cidade de Maycomb, no Estado do Alabama, extremo sul dos Estados Unidos da América.

Portanto, época e local muito marcantes na história americana, não só em termos econômicos (uma vez que os EUA vivenciavam, então, a década da chamada Grande Depressão, ocorrida entre os anos de 1929 e 1939), mas sobretudo sociais, com especial ênfase à luta pelos direitos civis dos negros, que ganhou impulso a partir da segunda metade do século XX. Todo o enredo do romance se passa no mesmo Alabama que foi palco de memoráveis manifestações em prol dos mencionados direitos, como aquelas decorrentes do caso Rosa Parks, ocorrido na cidade de Montgomery, no final do ano de 1955. O estopim do movimento antissegregacionista se deu após a costureira negra Rosa Parks negar-se a ceder, para um homem branco, o lugar que ocupava em um transporte público. Esse fato resultou no boicote, pelos cidadãos negros, às empresas de ônibus da cidade. A mobilização também ajudou a consolidar a liderança de Martin Luther King Jr.

Se a Grande Depressão (ocorrida na infância de Lee), por um lado, levou a economia americana ao colapso e ao desemprego em massa — provocando a competição pelo trabalho entre negros e brancos, causa de mais ressentimento —, por outro lado, o movimento pelos direitos dos negros (à época da publicação do livro) impactou, de forma drástica, os rumos da justiça racial. Os primeiros leitores do romance viveram esse período e a voz de Harper Lee revelou-se densa e autêntica no âmago desse movimento.

A propósito, o enredo do romance guarda similaridades com pelo menos dois casos de injustiça racial. O primeiro, refere-se ao julgamento de dois homens negros acusados de terem assassinado um lojista branco. A defesa dos acusados foi promovida pelo pai da autora e os dois clientes foram enforcados. Essa defesa malsucedida apresenta semelhanças com a que o advogado Atticus Finch faz do negro Tom Robinson.

O segundo caso, também verídico, ficou conhecido como *Scottsboro Boys*, ocorrido em 1931: um grupo de adolescentes brancos iniciaram uma briga com outros adolescentes negros em um trem (embora o caso tenha sucedido no território do estado do Tennessee, o julgamento inicial deu-se no Alabama). Da refrega, duas mulheres brancas alegaram ter sido estupradas e nove jovens negros foram presos, acusados do estupro. A defesa dos acusados foi muito mal conduzida e o julgamento, arbitrário e desprovido de provas. Oito deles foram condenados à morte. Em um momento posterior, uma das jovens declarou que havia mentido e que os rapazes eram inocentes. Após a condenação dos réus, foram impetrados numerosos recursos. O caso — exemplo das inúmeras injustiças praticadas por júris totalmente composto por brancos — subiu até a Suprema Corte americana, que retirou a acusação contra quatro dos réus.

De volta aos fatores de Nord, percebe-se, pelas informações colhidas, que a questão cultural, nessa subseção representada pelas dimensões **lugar e tempo**, muito influencia o texto fonte, sendo, assim, sem dúvida alguma, um ponto de grande interesse para o tradutor.

2.2.3. Mais foco nas lentes: análise dos demais fatores extratextuais

Nesta subseção, a análise se volta para os fatores extratextuais **intenção do emissor, público, meio, motivo e função textual**. Em razão de suas maiores interconexões, se faz a análise conjunta, primeiro, das dimensões **meio e público** e, depois, das dimensões **intenção do emissor, motivo e função textual**. Como já referido nesse trabalho, a análise textual tem maior ou menor destaque, de acordo com a relevância dos fatores para a compreensão do texto fonte, sua tradução parcial e para o exame comparativo da tradução.

Como já descrito no capítulo anterior, o **meio** refere-se ao veículo utilizado para enviar o texto ao seu destinatário, que é identificado como **público** ou receptor do texto. Os dados apresentados a seguir oferecem alguns indícios sobre a extensão e a identidade do público alvo a ser alcançado pelo romance.

O texto original que se tomou para tradução apresenta na capa o nome da autora (Harper Lee), o título da obra (*To Kill a Mockingbird*) e a indicação de que se trata de uma edição comemorativa do 50º aniversário do lançamento do livro, portanto,

a edição corresponde ao ano de 2010. Adicionalmente, é informado que a obra, até então, já havia comercializado mais de trinta milhões de cópias em todo o mundo. Na folha de rosto, vê-se a indicação da editora (Arrow Books).

To Kill a Mockingbird foi publicado em 1960 e alcançou um grande sucesso, tanto em termos comerciais quanto de crítica. A obra, considerada, praticamente de forma unânime por revistas literárias, um dos melhores romances do século XX, já foi traduzida — conforme consta no *Index Translationum* (banco de dados da Unesco que lista os livros traduzidos nos países associados) — para 26 idiomas.⁶

Mas, qual a razão de *To Kill a Mockingbird* receber tanta aceitação? A explicação está — segundo o artigo *A Brief Survey of the Great American Novel(s)*, de Emily Temple (2017), no *Literary Hub* — no fato de a obra atender, ao mesmo tempo, três critérios principais: a) ubiquidade, isto é, um romance lido por um número relativamente grande de americanos, conhecido, também, de outras maneiras por grande parcela dos leitores (como é o caso de *To Kill a Mockingbird*, cuja adaptação para o cinema, em 1962, além de ter recebido a indicação de melhor filme, rendeu o Oscar de melhor ator a Gregory Peck, como Atticus Finch); b) notabilidade, por representar um consenso geral de que o romance é significativo, em virtude da qualidade literária e/ou por fazer parte da paisagem cultural de uma forma inquestionável; e c) moralidade, ao abordar algum aspecto único da experiência americana, tais como suas aspirações como nação, com reconhecível força moral.

Para os propósitos da análise textual direcionada à tradução é relevante observar que a obra continua tendo grande aceitação (recepção do texto), como se constata pelo número de edições publicadas (por exemplo, o texto da tradução utilizada nessa pesquisa corresponde à 33ª edição) e pela existência de uma versão em formato *graphic novel* (Editora José Olympio, 2019, ilustrada por Fred Fordham).

Ao se concluir a análise dos fatores **meio** e **público** importa ressaltar que o texto alvo é direcionado para destinatários que se encontram em situações diferentes (embora, alguns vezes, análogas) daquelas em que o texto fonte foi produzido e visou alcançar. Assim, a tradução para outra realidade cultural e linguística — como, por exemplo, a tradução do romance para o português do Brasil — pode demandar adaptações, considerando-se as diferenças entre as duas culturas.

⁶ Albanês, alemão, búlgaro, catalão, chinês, dinamarquês, esloveno, espanhol, estoniano, finlandês, francês, georgiano, grego, holandês, húngaro, letão, lituano, norueguês, polonês, português, russo, sérvio, servo-croata, sueco, tcheco e turco.

A seguir, se faz a análise textual referentes aos três últimos fatores extratextuais: **intenção do emissor, motivo e função textual**.

As informações obtidas com a análise das dimensões **meio** e do **público** já deram algumas pistas acerca da intenção da emissora do texto. Aqui também, a interrelação entre os fatores é muito acentuada. Como já destacado no capítulo anterior, a **intenção do emissor** — que assume maior relevância em textos literários — diz respeito à **função** que ele espera que o texto desempenhe. Então, mais concretamente, é preciso indagar: o que a emissora Harper Lee visa com o texto?

A resposta que aparenta ser a mais evidente é que o principal objetivo do livro tenha sido o de examinar a complexidade das relações raciais no sul dos Estados Unidos na primeira metade do século XX. Esse assunto central é expandido e alcança outros temas, tais como os valores morais, a diferença entre o justo e o injusto e entre a igualdade e a desigualdade. É preciso lembrar que, no momento de sua publicação, os temas da injustiça, do racismo e da desigualdade despertavam, nos Estados Unidos, um grande interesse.

Por se tratar de literatura, *To Kill a Mockingbird* tem uma **função** expressiva — típica dos textos literários — muito mais acentuada do que a função referencial que caracteriza a produção não-literária. Nord afirma (p. 131), como já referido, que a intenção dos escritores “não é descrever a ‘realidade’, mas motivar entendimentos pessoais sobre a realidade mediante a descrição de um mundo fictício”.

De fato, Lee consegue que as questões discutidas no romance toquem a alma de seus leitores e parece almejar que eles se tornem pessoas melhores, sobretudo que sejam justas, tolerantes e respeitem a liberdade e a individualidade dos outros. É o ensinamento que Atticus transmite a sua filha, no seguinte trecho do livro:

Em primeiro lugar, se você puder aprender um truque simples, Scout, você se dará muito melhor com todos os tipos de gente. Você só entende realmente uma pessoa quando vê as coisas do ponto de vista dela, quando entra na pele dela e fica ali por um bom tempo.⁷

Com esse exemplo, pode-se melhor compreender quando Nord (2016, p. 91) afirma que cabe ao receptor, completar — pela própria recepção — a ação comunicativa, no momento em que faz uso do texto com determinada **função textual**,

⁷ First of all, if you can learn a simple trick, Scout, you'll get along a lot better with all kinds of folks. You never really understand a person until you consider things from his point of view until you climb into his skin and walk around in it. (LEE, 2010, p. 33)

incluindo-se nela a **intenção** do emissor. O receptor recebe o texto, pondera o propósito do emissor ... e, de algum modo ou em alguma extensão, se modifica.

O **motivo** do ato de comunicação textual pode ser obtido de forma indireta ao se considerar as informações que foram obtidas acerca do emissor, bem como — e talvez principalmente —, da sua intenção ao produzir o texto. Como foi visto, vários acontecimentos na vida de Harper Lee podem ter contribuído para a sua decisão de escrever o romance, tal como, por exemplo, a já referida defesa malograda que seu pai advogado (que parece tê-la inspirado a criar o personagem Atticus) fez de dois negros acusados de assassinar um homem branco. Ou se pode especular também que a motivação da autora estaria em mostrar a seus prováveis leitores a importância dos valores morais, a diferença, nem sempre bem percebida, entre o certo e o errado.

2.3. Descendo às entranhas do romance: análise dos fatores intratextuais⁸

Analisados os fatores extratextuais, um exame mais aprofundado de *To Kill a Mockingbird* exige ajuste no foco das lentes. A análise das dimensões intratextuais do romance, segundo o modelo de Nord, se volta para os aspectos internos que configuram o texto. Na definição dos fatores, Nord (2016) assume o ponto de vista de um emissor que produz o texto com o intuito comunicativo para, então, estabelecer as seguintes dimensões intratextuais: **assunto, conteúdo, pressuposições, estruturação, elementos não verbais, léxico, sintaxe e características suprasegmentais.**

De forma análoga à análise dos fatores extratextuais — e em conformidade com os parâmetros de análise fixados anteriormente —, o exame de cada dimensão intratextual se apresenta com maior ou menor extensão, de acordo com a sua relevância para o projeto de tradução, tendo-se presente, sobretudo, as características do texto fonte. A análise dos fatores se faz na ordem citada, mas deve ser lembrado que todos eles são interdependentes.

O **assunto** em *To Kill a Mockingbird* não é único. Embora ocorra a predominância, pelo menos em extensão narrativa, do tema referente ao preconceito (particularmente o racismo), outros tópicos também possuem grande relevância no

⁸ Boa parte das informações contidas nessa seção foram obtidas em diferentes *sites* de estudo direcionados à obra *To Kill a Mockingbird*, sendo os principais: *Course Hero*, *Sparknotes*, *Bitesize* (BBC) e *CliffsNotes*.

texto. Pode-se destacar, entre eles, a coexistência e o conflito entre o bem e mal (questões morais), a perda da inocência e questões referente à justiça e a sua conformidade com as leis. Essa combinação textual, no entanto, não afasta a coerência do texto, uma vez que a emissora consegue bem relacioná-los, o que só enriquece o romance. Importa observar, ademais, que a inserção do tema do racismo no contexto da cultura estadunidense não implica necessariamente que ele seja específico dessa realidade cultural; no caso da tradução para o português do Brasil, por exemplo, o tema também se encontra manifesto na cultura alvo. Essa constatação, para além da atualidade do assunto, evidencia a relevância do exercício de tradução objeto do estudo.

Na análise do **conteúdo**, o ponto de partida deve ser a informação estruturada por meio de elementos textuais ligados por mecanismos linguísticos, tais como conectores lógicos, e por mecanismos de coesão, tais como anáforas, substituições, paráfrases etc. A informação veiculada no texto pode ser factual (com base na realidade) ou ficcional (uma realidade imaginada ou inventada pelo autor). A análise de todos esses elementos coopera para a correta compreensão do significado do conteúdo expresso no texto.

O fator conteúdo tem fortes vínculos com o assunto. De fato, definido o assunto, o emissor faz uma seleção das informações que deseja repassar para o receptor e são exatamente essas informações que configuram o conteúdo do texto, isto é, o que autor desejou expressar. Veja-se os assuntos listados no parágrafo anterior. Em relação ao conflito entre o bem e mal, autora, no desenvolvimento do conteúdo, retrata o caso de tentativa de linchamento de Tom Robinson, no qual Scout e seu pai, Atticus, se dispõem a salvá-lo; em relação à perda da inocência, a emissora faz referência especial aos irmãos Scout e Jem que, ao longo do romance, deixam de acreditar na isenção e imparcialidade dos homens, seja no julgamento de Tom, seja no episódio em que seu pai é duramente criticado pela sociedade local, em virtude de ajudar e defender uma pessoa inocente; e, no assunto referente à justiça, a autora desenvolve o conteúdo referente à importância das leis, para punir devidamente os criminosos, e também de bons defensores, para impedir que pessoas inocentes sejam condenadas.

A dimensão **pressuposições**, como já foi afirmado antes, apresenta uma certa complexidade decorrente do próprio conceito do termo. Nord (2016) apropriadamente esclarece que não se trata da pressuposição lógica ou filosófica, mas sim, de uma pressuposição pragmática, aceita tanto pelo emissor como pelo receptor. O conceito

de pressuposição de Nord é orientado ao emissor: como ele deseja que seu enunciado seja compreendido, é ele que pressupõe inicialmente que o receptor conseguirá captar o significado da informação. O fator é, portanto, um dos mais representativos do ato comunicativo.

As pressuposições, por serem informação não verbalizada, não constam explicitamente do texto, mas as alusões existentes em diversas passagens em *To Kill a Mockingbird*, são feitas pela emissora na pressuposição de que seus leitores captarão o seu significado. No entanto — principalmente, por razões culturais —, o que pode ser claro para o leitor do texto fonte nem sempre o é para o leitor do texto alvo. Isso impõe um desafio ao tradutor. Tome-se, a título exemplificativo, alguns trechos da obra:

a) “Simon teria observado com uma fúria impotente o conflito entre o Norte e o Sul, uma vez que, em razão dele, seus descendentes foram despojados de tudo, exceto de suas terras.”⁹

A que se refere a emissora ao mencionar (Lee, p. 4) “*the disturbance between the North and the South*”? Aqui, analisado o contexto situacional, fica evidente que Scout está se referindo à Guerra Civil ocorrida entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos entre os anos 1861 e 1865. Com a vitória do Norte, grande parte da economia e da infraestrutura sulista ficou em ruínas. Aqui, o tradutor, ao considerar que o público alvo teria maior dificuldade de compreender a alusão, poderia explicar o fato em uma nota de rodapé ou, então, fazer um acréscimo no texto, tal como: Simon teria observado com uma fúria impotente a guerra civil ocorrida entre Norte e o Sul, ocorrida entre 1861-1865, uma vez que, ...

b) “Se o Sr. Cunningham mantivesse a boca fechada, poderia conseguir um emprego na WPA, mas sua terra iria à ruína se ele a abandonasse.”¹⁰

O texto fonte indica que “Mr. Cunningham could get a WPA job”, em alusão ao *Works Progress Administration*, um programa de auxílio ao desemprego, concebido no governo do presidente Franklin D. Roosevelt em 1935, ao tempo da Grande Depressão. De igual forma, o tradutor aqui teria a opção de acrescentar uma breve

⁹ Simon would have regarded with impotent fury the disturbance between the North and the South, as it left his descendants stripped of everything but their land. (LEE, p. 4)

¹⁰ If he held his mouth right, Mr. Cunningham could get a WPA job, but his land would go to ruin if he left it. (LEE, p. 23)

explicação no próprio texto ou esclarecer o público alvo por meio de uma nota de rodapé.

c) “Jem ficou pensativo por tanto tempo que Dill resolveu fazer uma leve concessão: — Não vou contar para ninguém que você fugiu da raia e ainda te dou em troca o *The Gray Ghost* se você subir as escadas e tocar na casa.”¹¹

Dill — sabendo que seus melhores amigos, Scout e Jem, adoram ler histórias de aventuras e mistério — tenta persuadir Jem a ir até a casa de Boo Radley, com a oferta ardilosa de um dos volumes de uma série de romances infantis escritos por Robert Schulkers (1890-1972), muito popular na década de 1930. Aqui também, o tradutor, dependendo do *skopos* da tradução e do efeito desejado, poderá optar pelas soluções acima indicadas.

Nos exemplos citados, as pressuposições se referem à realidade da cultura fonte, mundo ao qual a emissora pertencia (com todos os seus objetos e fenômenos culturais). O leitor da tradução nem sempre tem conhecimento da informação pressuposta pelo emissor. Deixar de esclarecer essas alusões aos receptores — sempre com critério e ponderação — seria, em muitos casos, negá-los o acesso ao mundo do texto. Ademais, caso os leitores, de fato, não estejam informados acerca das alusões, o texto alvo não desempenharia o mesmo efeito proporcionado aos leitores do texto fonte.

A **estruturação** textual é fortemente interconectada com as três dimensões analisadas acima. Nord (2016, p. 144-145) afirma que “logo que o assunto, o conteúdo e as pressuposições sejam determinados, o emissor decide a ordem em que o conteúdo deve ser apresentado e como as diferentes informações podem ser relacionadas umas com as outras”. São exatamente essa ordem do conteúdo e a relação entre as informações que caracterizam a estruturação textual. O fator intratextual estruturação, portanto, compreende tanto a macroestrutura (estrutura e ordem de unidades informacionais, como capítulos e parágrafos) quanto a microestrutura (unidades textuais menores, como orações e frases).

Em relação à macroestrutura, *To Kill a Mockingbird*, na edição selecionada (texto fonte), não apresenta sumário. O livro é composto por apenas duas partes; a primeira, contendo os capítulos numerados de 1 a 11, e a segunda, composta pelos

¹¹ Jem stood in thought so long that Dill made a mild concession: “I won’t say you ran out on a dare an’ I’ll swap you *The Gray Ghost* if you just go up and touch the house.” (LEE, p. 16)

capítulos numerados de 12 a 31. A autora não atribui títulos nem às partes, nem aos capítulos do livro.

A narrativa interna do romance gira em torno da vida dos membros da família Finch. Os fatos se passam entre os anos de 1933 e 1935, na cidade fictícia de Maycomb, no estado sulista do Alabama (EUA). A história é contada segundo a perspectiva (ponto de vista) de uma jovem menina chamada Jean Louise Finch, a “Scout”. A voz narrativa, portanto, é de primeira pessoa. No início da trama, Scout tem quase seis anos de idades e Jem, seu irmão, quase dez.

O enredo do romance, ou seja, a sucessão de acontecimentos que constituem a ação, faz parte de sua microestrutura textual, compondo também o fator estruturação. O livro apresenta uma longa narrativa, composta por descrições e diálogos.

Em sua primeira parte, o romance dá ao leitor as informações necessárias — sobretudo sobre o racismo de grande parte dos residentes de Maycomb — que permitem avaliar o impacto do julgamento sobre a população do condado. Ainda na primeira parte, há a clara indicação de que Scout e Jem são menos maduros do que o são na segunda parte.

O julgamento de Tom Robinson — estruturalmente apresentado na última parte do romance — é o ponto central da trama narrativa. Tom (que não acredita em uma justiça que favorece somente os brancos em detrimento dos negros) é injustamente condenado, apesar de todas as provas em sentido contrário apresentadas por Atticus. Por meio da visão de Scout, os leitores tendem a se sentir revoltados contra a injustiça cometida. Ao final do romance, é possível perceber que a sua estrutura geral tem um forte vínculo com o amadurecimento de Scout e Jem, que passam a ter uma melhor compreensão do impacto do julgamento, bem como dos esforços de Atticus em lhes transmitir lições de complacência e tolerância, incentivando-os a aceitar os modos de pensar e de agir dos outros, ainda que inteiramente opostos aos seus.

À medida que os fatos acontecessem, os irmãos Finch ganham maior consciência. O leitor como que participa do processo de amadurecimento de Jem e Scout, especialmente em relação à perda da inocência. Ao final do romance, decorridos três anos desde o início da história, uma nova realidade se apresenta às personagens. Um desses fatos, de crucial relevância para o enredo, é a acusação de um jovem negro, Tom Robinson, de ter supostamente estuprado Mayella Ewell, uma

jovem branca e pobre. Para promover a defesa de Tom, o juiz da comarca, designa o advogado Atticus Finch, pai de Scout e Jem.

Os **elementos não verbais** são os signos provenientes de códigos não linguísticos, tais como fotos, ilustrações, tabelas e gráficos. Eles têm por função complementar a comunicação verbal. Por se tratar de um texto literário, sem ilustrações, essa dimensão praticamente não se encontra presente em *To Kill a Mockingbird*, talvez exceto pelos aspectos referentes à formatação do texto e o uso de fontes de letras específicas (organização textual), o que dependerá mais do editor do que do emissor ou autor.

As dimensões intratextuais relativas ao **léxico**, **sintaxe** e **características suprasegmentais**, pela sua proximidade, podem ser analisadas conjuntamente. Esses elementos verbais — que, efetivamente, transmitem a mensagem — têm tanto a função informativa (denotativa), quanto estilística (conotativa).

O fator **léxico** permite o exame do vocabulário (repertório de palavras) contido no texto, sobretudo do ponto de vista semântico e estilístico. Nord (2016) ressalta que as características contidas no léxico utilizado pelo emissor, exercem uma importância fundamental nas análises textuais direcionadas à tradução. Já o fator **sintaxe**, examina as palavras enquanto elementos de uma frase ou sentença, bem como as relações formais que interligam os seus constituintes, tais como as relações de concordância, de subordinação e de coesão textual. As **características suprasegmentais**, por sua vez, são, mecanismos gráficos (tipos de letras, aspas, itálico, travessões, parênteses etc.) que dão ritmo e entonação ao texto.

A linguagem utilizada por Harper Lee em *To Kill a Mockingbird* é realista, uma vez que fica evidente no romance o esforço de retratar como era viver em uma pequena cidade rural, como a ficcional Maycomb, nos estados do sul dos Estados Unidos na década de 1930. As crianças — sobretudo os filhos de Atticus, Jem e Scout, e o amigo Dill —, em suas conversas, usam a linguagem coloquial. Às vezes, Atticus repreende os filhos por algum uso inadequado de linguagem, como, por exemplo, quando Scout emprega um termo racista para se referir aos negros.

A autora também faz uso de linguagem figurativa (especialmente símiles e metáforas) de modo que os leitores formem determinadas imagens em suas mentes. Observa-se, ainda, uma dose de bom humor, em casos como o de Bob Ewell que, por apresentar limitações de entendimento, equivocava-se com algumas perguntas que lhe são dirigidas pelo juiz, por ocasião do julgamento no tribunal. A identidade de cada

personagem também é caracterizada pela linguagem que emprega (por exemplo, na diferença entre a linguagem usada por brancos e negros). As crianças fazem uso de muitas gírias, enquanto Atticus adota uma linguagem mais formal e direta, embora muitas vezes contenha ironias.

Nos excertos traduzidos e incluídos no anexo, fez-se necessário, em algumas passagens, alterar a ordem da frase e a pontuação, de modo que pudesse soar mais natural em português. Como norte geral, porém, procurou-se manter as peculiaridades e os traços distintivos do texto original.

Antes de concluir esta seção, aponta-se um exemplo bem representativo dos elementos verbais (sobretudo léxico, sintaxe e o próprio estilo da autora) e muito significativo para a história contada em *To Kill a Mockingbird*, o que demonstra a função desses fatores na transmissão da mensagem.

No início do capítulo 10, após Scout comentar com a Sra. Maudie acerca da recomendação que Atticus fizera ao filho Jem para não atirar em *mockingbirds* (pois seria um pecado), a Sra. Maudie afirma:

— Seu pai tem razão. Só o que os rouxinóis fazem é cantar belas melodias para o nosso deleite. Eles não estragam nossos jardins, não fazem ninhos nos espigueiros, não fazem outra coisa senão cantar seus sentimentos para nós. É por isso que é um pecado matar um rouxinol.¹²

O título do romance é a principal metáfora contida na história. Os *mockingbirds* transmitem a sensação de inocência e pureza moral. Matar um *mockingbird* significaria destruir a inocência. Ao longo do livro, vários personagens (Tom Robinson e Boo Radley, principalmente) podem ser identificados como *mockingbirds*: inocentes que foram feridos indevidamente.

A análise prática das dimensões evidencia a importância dos fatores intra e extratextuais para a compreensão do texto e, por decorrência, para a elaboração da tradução. O estudo desses fatores, nessa pesquisa, contribuiu para o atingimento de dois objetivos propostos: o objetivo secundário de orientar a tradução dos excertos dos capítulos (onde esses fatores tiveram uma contribuição maior) e o objetivo principal de realizar uma análise comparada entre duas traduções. Para a alcance do objetivo principal, a contribuição da análise dos fatores se fez em menor intensidade,

¹² “Your father’s right,” she said. “Mockingbirds don’t do one thing but make music for us to enjoy. They don’t eat up people’s gardens, don’t nest in corncribs, they don’t do one thing but sing their hearts out for us. That’s why it’s a sin to kill a mockingbird.” (LEE, p. 99-100)

sobretudo porque a análise comparada das traduções se dá em um âmbito mais restrito (trechos dos excertos contendo aspectos jurídicos). Para se chegar, portanto, ao alcance do objetivo principal, o estudo entendeu por bem ampliar ainda mais a pesquisa. É o que se faz no capítulo subsequente, onde se examina o relacionamento entre a literatura e o direito.

CAPÍTULO 3 – A LITERATURA E O DIREITO EM *TO KILL A MOCKINGBIRD*

O breve estudo do relacionamento entre a literatura e o direito em *To Kill a Mockingbird* tem o propósito de ampliar o conhecimento e o entendimento do romance, especialmente em relação os aspectos que envolvem o mundo jurídico. A necessidade desta vista d'olhos se justifica em razão do objetivo principal do estudo: uma análise comparada de trechos dos excertos selecionados para tradução, nos quais o tema da justiça, das leis e dos códigos de conduta social tenha destaque mais acentuado. O pressuposto, portanto, é de que esse exame traga algumas luzes para a construção do capítulo final.

Visando alcançar esse propósito, o capítulo é composto por duas curtas seções: na primeira, mais genérica, discorre-se sobre o movimento Direito e Literatura; na segunda, mais específica, examina-se a realidade jurídica na sociedade de Maycomb.

3.1. O Movimento Direito e Literatura

O chamado “Movimento Direito e Literatura” — que se propõe a promover uma abordagem interdisciplinar desses dois campos do saber — tem experimentado uma crescente aceitação, tanto no âmbito acadêmico internacional quanto nacional. A maior parte dos estudiosos atribui a James Boyd White (outros importantes juristas, como John Wigmore, Benjamin Cardozo e Lon Fuller, também são considerados precursores) o mérito de ter sido o fundador do movimento. Seu livro *The Legal Imagination*, publicado em 1973 — que discorre sobre a relação entre os textos jurídicos e a análise literária —, é considerado, segundo Godoy (2007) o marco inicial do movimento.

Os defensores desse estudo interdisciplinar acreditam que as obras literárias — sobretudo aquelas que contenham disputa jurídica, tal como em *To Kill a Mockingbird* — podem proporcionar a advogados e juízes uma visão distinta, diferenciada, do mundo jurídico e da própria natureza do direito. Aqui, soma-se o potencial da literatura de revelar uma perspectiva única da condição humana, com a normatividade jurídica, que regula as experiências humanas, para, afinal, oferecer à sociedade um mais avançado grau de justiça.

As principais abordagens, ou perspectivas, do movimento direito e literatura se complementam: o direito *na* literatura (estudo dos temas jurídicos expostos nos textos literários) e o direito *como* literatura (estudos de textos jurídicos com a utilização de métodos de análise, interpretação e crítica literárias).

O direito *na* literatura volta-se especificamente para o modo como as mais diversas situações jurídicas se apresentam na literatura ou, dito de outra forma, para a maneira como os aspectos jurídicos são abordados na produção literária. A presunção é a de que os escritores teriam uma visão mais independente do direito — isto é, sem compromisso com doutrinas jurídicas —, e que, portanto, poderiam transmitir aos profissionais da área uma perspectiva diferenciada, como já afirmado, da condição humana. Shakespeare, Charles Dickens, Franz Kafka, Herman Melville, Joseph Conrad, Albert Camus, Fiodor Dostoiévski, Machado de Assis, entre muitos outros, seriam autores representativos dessa corrente. Por sua vez, os adeptos do direito *como* literatura compreendem o texto jurídico como uma forma de literatura e apreciam as ferramentas técnicas utilizadas por ela, proporcionando ao estudioso a crítica e a análise literária do direito.

Santos (2012, p. 27) sustenta que “a Literatura permite refletir acerca do fenômeno social a partir da verossimilhança, enquanto o Direito postula disciplinar as ações em sociedade”; a seguir, põe em relevância o substrato comum da linguagem:

A relação entre Direito e Literatura se instaura no percurso metodológico e a pesquisa acadêmico-científica como possibilidade de abertura a novos horizontes, que permitam reflexão crítica acerca de fenômenos sociais e jurídicos que se interpenetram. Esta proximidade é estimulada pela verificação de que tanto o Direito quanto a Literatura são comunicações que se efetivam por meio da linguagem. (p. 33)

Sendo o direito um conjunto de normas que regula as relações humanas, não é de estranhar que inúmeras obras da literatura universal abordem um tema também universal, como é o direito. É até natural que assim seja. A obra do *Kill a Mockingbird* é, antes de tudo, literatura; mas, tal como *O Processo*, de Kafka, é uma literatura de temática jurídica (embora não exclusivamente jurídica). Boa parte do romance, especialmente a segunda parte, descreve, em razoáveis níveis de detalhe, um procedimento criminal (acusação, processamento e julgamento de um suposto crime de estupro).

To Kill a Mockingbird, portanto, claramente se enquadra na literatura típica do movimento em análise. O romance, de forma bem perceptível, interessa aos

profissionais do campo jurídico, uma vez que tanto os princípios e normas legais quanto a atividade advocatícia são amplamente nele discutidos. A obra permite, por exemplo, que se faça reflexões acerca da advocacia e da segregação racial, a partir do episódio em que Tom Robinson é condenado, mesmo sem provas, pelo júri. Imediatamente, irrompe a discussão acerca do sistema legal na fictícia Maycomb, bem como sobre a flexibilidade da lei, que ali se acomoda com facilidade às circunstâncias de uma comunidade majoritariamente racista.

Ademais, como pôde ser percebido na leitura dos capítulos anteriores, a obra, desde a sua concepção, tem profundas relações com o direito: a pai de Harper Lee era advogado (e parece ter inspirado o personagem Atticus Finch), a autora tinha uma irmã advogada e ela própria estudou direito. A epígrafe do livro — que usualmente resume o sentido ou expõe a motivação de uma obra literária — contém uma frase do escritor inglês Charles Lamb: “Os advogados, eu suponho, um dia foram crianças”¹³. Casos judiciais reais, e semelhantes, inspiraram parte substancial do enredo do romance, que, como já mencionado, inspirou um filme... de tribunal.

3.2. O direito e sua linguagem em *To Kill a Mockingbird*

É sabido que a linguagem é a matéria prima do direito. Tal como ocorre na literatura, é a linguagem que idealiza, gera e estrutura o direito. A interpretação e a compreensão do mundo somente se tornam possível por via da linguagem.

A linguagem de cunho jurídico utilizada em *To Kill a Mockingbird* desperta seus leitores para as injustiças que um sistema legal deficiente pode ocasionar. Lee sustenta, principalmente por meio do personagem Atticus, a relevância de a sociedade dispor de um sistema jurídico capacitado a, de forma justa e eficaz, processar, sentenciar e punir os criminosos.

O título do romance em português — O sol é para todos — poderia muito bem fazer alusão ao princípio da igualdade, que, no art. 5º da nossa Constituição Federal, é assim expresso: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza...” Não vida real, ou no mundo dos fatos, não é o que se vê, nem aqui, nem na Maycomb de *To Kill a Mockingbird*.

¹³ Lawyers, I suppose, were children once.

No romance, Tom, um jovem afro-americano, é vítima do sistema judiciário em razão do preconceito racial arraigado na cultura local. Apesar de Mayella Ewell, a suposta vítima do estupro, não apresentar qualquer prova que corrobore sua acusação, ela, de forma oportunista, consegue colocar a comunidade — e, por decorrência, o júri — contra Tom, que é condenado injustamente à pena de morte.

A necessidade de advogados capacitados a defender os direitos dos cidadãos também é imperiosa. Bons profissionais manejam bem a linguagem. Atticus é um exemplo. Seus argumentos jurídicos são convincentes — tal quando demonstra, racionalmente, a impossibilidade de Tom ter cometido o crime —, embora tenham sido infrutíferos naquele julgamento, dadas as circunstâncias sociais da cidade de Maycomb. Ao revés, uma linguagem propositadamente rebuscada, adotada por muitos advogados, usualmente se revela ineficaz.

No romance, Scout — que, apesar da aguçada inteligência e do sofisticado vocabulário, ocasionalmente se embaraçava com as palavras e, quando não as entendia, tentava adivinhar seu significado — faz, no trecho a seguir, menção aos termos técnicos do direito (usando a caricata expressão “*last-will-and-testament diction*”) usados por Atticus: “Jem e eu estávamos habituados com o palavreado jurídico de nosso pai, que nos deixava sempre livres para interrompê-lo, e pedir a tradução, quando o que ele dizia estava além de nosso conhecimento”.¹⁴ Aqui, trata-se, por evidente, da tradução intralingual: é que Atticus, sempre didático, não perdia uma oportunidade de educar seus filhos.

Em *To Kill a Mockingbird*, Lee deixa claro que em Maycomb o código de conduta (regras morais ou costume) — particularmente no que refere ao relacionamento entre brancos e negros — tem força superior à própria lei. No seguinte trecho do romance, Atticus, ao apresentar suas razões finais perante os jurados, expressa essa realidade, ao referir-se ao fato de Mayella Ewell ter tentado seduzir Tom Robinson, beijando-o:

— Ela não cometeu qualquer crime; simplesmente violou um código de conduta rígido e consagrado de nossa sociedade, um código tão severo que quem o quebra é banido de nosso meio por incapacidade de nele conviver. (...) Ela tinha plena consciência da gravidade de sua ofensa, mas como seus desejos eram mais fortes do que o código social que estava violando, ela insistiu em quebrá-lo (...) ela voltou-se contra sua vítima. Precisava, de

¹⁴ Jem and I were accustomed to our father’s last-will-and-testament diction, and we were at all times free to interrupt Atticus for a translation when it was beyond our understanding. (LEE, p. 35)

qualquer forma, afastá-lo de sua presença e deste mundo. Precisava destruir a prova de seu erro.¹⁵

Nesse trecho, Atticus faz uma importante distinção — à qual a tradutor deve estar atento — entre lei (*law*), norma de conduta escrita que regula a convivência em sociedade, e código de conduta (*code*), conjunto não escrito de princípios convencionais, ou costumes, sobretudo de natureza moral, que os membros de um grupo devem seguir.

Essa mesma distinção é mencionada por Stephens (1995):

O ponto que Atticus argumenta é que Tom Robinson, um homem negro acusado de estuprar uma mulher branca, deve ser julgado nos termos da lei, mas ele sabe, em razão de sua vida na sociedade Maycomb, que o júri julgará o réu de acordo com o código daquela comunidade. Se a questão imediata para Atticus é a prova legal do estupro versus as imagens na mente dos jurados — na linguagem de Bob Ewell [pai de Mayella], "aquele crioulo, no cio, montado em minha Mayella" —, sua questão mais ampla é a diferença entre a lei, sob a qual se presume que as pessoas vivem, e o código de conduta que elas realmente seguem.¹⁶ (p. 215)

Ao concluir esse breve capítulo — que tem o intuito de fazer a transição entre o modelo de análise textual voltada à tradução de Nord e a sua aplicação prática, objeto do derradeiro capítulo a seguir — convém mencionar mais uma declaração de Atticus, ao apresentar seus argumentos finais ao júri: “Como todas as instituições humanas, os nossos tribunais também têm falhas, mas, neste país, eles são os grandes niveladores: para nossos tribunais, todos os homens nasceram iguais”¹⁷.

Ao sugerir ao júri que os tribunais americanos garantem o princípio da igualdade a todos os cidadãos, Atticus apela ao patriotismo do júri; no entanto, ele sabe que, embora as instituições possam parecer justas ao molde da Constituição e as leis, não é incomum que os julgamentos sejam, de alguma forma e por alguma

¹⁵ She has committed no crime, she has merely broken a rigid and time-honoured code of our society, a code so severe that whoever breaks it is hounded from our midst as unfit to live with. (...) She knew full well the enormity of her offense, but because her desires were stronger than the code she was breaking, she persisted in breaking it. (...) she struck out at her victim—of necessity she must put him away from her—he must be removed from her presence, from this world. She must destroy the evidence of her offense. (LEE, p. 224)

¹⁶ The point Atticus argues is that Tom Robinson, a black man charged with raping a white woman, must be judged by terms of the law, but he knows because of his life in Maycomb society that the jury will judge the defendant according to the code of that community. If the immediate issue for Atticus is legal evidence of rape versus pictures in the minds of jurors, in Bob Ewell's language, “of that black nigger yonder ruttin' on my Mayella,” his larger issue is the difference between the law that people are presumed to live by and the code they actually follow.

¹⁷ Our courts have their faults, as does any human institution, but in this country our courts are the great levelers, and in our courts all men are created equal. (LEE, p. 226/227)

razão, tendenciosos. O seu apelo não alcança a sua pretensão. Tom Robinson é injustamente condenado à morte, desnudando, pelo menos àquela época, o profundo preconceito do sistema judicial e a abissal distância entre o imaginário das cortes americanas e mundo real.

CAPÍTULO 4 – APLICABILIDADE DO MODELO DE NORD E ANÁLISE COMPARATIVA DAS TRADUÇÕES

O intuito deste capítulo final é voltado exclusivamente para o alcance do objetivo principal da pesquisa: realizar uma análise comparada de trechos da tradução de Beatriz Horta (“O Sol é para todos”) com a tradução proposta na pesquisa. O capítulo divide-se em duas seções: a primeira, de fundo mais teórico, procura, preliminarmente, mostrar a aplicabilidade do modelo de Nord (fundado na teoria funcionalista) ao estudo; a segunda, de caráter prático, realiza a citada análise comparada.

Dois esclarecimentos se fazem necessários:

- a) o resquício de teoria ainda contido neste capítulo foi acrescentado com a finalidade de possibilitar ao leitor uma entendimento mais integral do objetivo principal do estudo, objeto único deste capítulo; e
- b) a tradução proposta na pesquisa também poderia ser considerada uma “retradução”, à luz do conceito elaborado por Mattos e Faleiros (2014, p. 54) que entende retradução como “toda reescritura de um texto-fonte, que coexiste e se relaciona com outras reescrituras desse mesmo texto-fonte, estabelecendo com elas uma rede de modos plurais de (re)lê-lo e (re)escrevê-lo, gesto que é, finalmente, uma crítica”.

4.1. Aplicabilidade do modelo de Nord à pesquisa

Nord (2016, p. 15-18) expõe que o seu modelo de análise textual pode ser aplicado para diferentes finalidades, basicamente: para orientar uma tradução, para criticar traduções e para o ensino de tradução e treinamento de tradutores. Neste trabalho, usa-se duas dessas possibilidades: para orientar uma tradução (aquela relativa aos excertos do livro que foram selecionados para esse propósito) e para criticar, avaliar, ou talvez mais propriamente, comentar trechos pontuais da tradução para o português realizada por Beatriz Horta. Como se percebe, o modelo de análise textual direcionado à tradução, preconizado por Christiane Nord — que nele inclui os fundamentos da abordagem funcionalista —, se constitui na principal ferramenta teórica utilizada para a realização desse estudo.

Assim, antes de se passar à análise comparada da tradução, é conveniente que se faça uma brevíssima exposição acerca da aplicabilidade da teoria funcionalista e do modelo de Nord à tradução literária. Para tanto, busca-se fundamento nos próprios escritos de Nord, contidos, sobretudo no capítulo 5 do livro *Translating as a Purposeful Activity: Functionalist Approaches Explained*. Nesse segmento do livro, Nord examina, com mais detalhes — com o exato propósito de responder às críticas que o modelo não seria adequado para a tradução de textos literários —, o funcionalismo na tradução literária.

Logo no início do capítulo, Nord (2007, p. 80) — ao anunciar o propósito de examinar os modos pelos quais a abordagem funcionalista pode ser aplicada na tradução de textos literários — relembra que elas também podem ajudar na avaliação de traduções anteriormente produzidas.

Orienta, portanto, essa abordagem a razão maior de que para a realização da tarefa específica da tradução deve ser fornecido um instrumento específico. Assim, é de se esperar que o pesquisador/tradutor, ao se utilizar do modelo desenhado por Nord — que, como já afirmado, tem a pretensão de ser aplicável a todos os tipos de textos —, esteja seguro em relação às suas decisões de tradução. O pressuposto, portanto, é o de que ao bem compreender as características presentes no texto fonte, tanto em relação à estrutura quanto ao conteúdo, o tradutor estará suficientemente preparado para eleger as técnicas e estratégias que mais se ajustem à finalidade de seu trabalho.

Nesse caso, pretende-se demonstrar, por meio de uma aplicação prática, que o modelo funcionalista pode, sim, ser aplicado na tradução da chamada literatura de temática jurídica. Ainda que *To Kill a Mockingbird* fosse classificado como um texto complexo — aquele em que “um texto de determinado gênero está inserido dentro de um hipertexto pertencente a outro gênero” (Nord, 2014, p. 79) —, a abordagem da tradução, por exemplo, para determinar que tipo de tradução deve ser empregada, não poderia desconsiderar tratar-se efetivamente de um texto literário, embora encontre-se repleto de elementos jurídicos que, por sua vez, não somente estão inseridos em uma diferente cultura, mas também foram produzidos no âmbito de um sistema jurídico diverso do existente no direito brasileiro (*Common Law* versus *Civil Law*).

Por fim, a adoção neste trabalho da metodologia proposta por Nord tem como justificativa uma realidade reconhecida praticamente de forma unânime, seja pelos teóricos, seja pelos próprios tradutores: antes de iniciar a tarefa propriamente dita de traduzir, necessário se faz ter a mais completa compreensão possível do texto fonte.

4.2. Aplicação prática do modelo

4.2.1 Comentários iniciais

O objetivo principal do estudo (análise comparada entre a tradução de Beatriz Horta com a tradução proposta na pesquisa) pretende ser alcançado neste capítulo final. Essa análise se constitui no elemento central para o qual o trabalho se direciona. Os comentários — contendo, sobretudo, justificativas para as opções de tradução — são realizados buscando-se inspiração na teoria funcionalista de Reiss e Vermeer e no modelo de análise textual direcionada à tradução de Nord, embora nem sempre tenha sido possível, ou mesmo necessário, fazer essa explicitação.

Deve ser esclarecido que se trata de um exercício de tradução em que se faz um recorte, tanto em termos materiais (uma vez que se toma como objeto de comparação apenas trechos dos excertos traduzidos) quanto temático (dado que os trechos extraídos do romance são aqueles que encerram termos e expressões jurídicas).

Importa que sejam feitos dois apontamentos iniciais, já brevemente expostos acima: a) embora o texto em análise seja classificado como literário — e, sem dúvida o é — os temas mais presentes na obra abordam questões de natureza jurídica (objeto do recorte da pesquisa, voltado ao exame dessa temática), como melhor detalhado logo adiante; e b) o sistema jurídico do texto de partida, de tradição anglo-americana, é o do *Common Law* (direito consuetudinário e jurisprudencial, portanto, fundamentado sobretudo na jurisprudência e nos costumes), enquanto, que o sistema jurídico brasileiro (considerando-se a tradução para o português do Brasil) é o da *Civil Law*, de origem romano-germânica, fundamentado primordialmente nas leis.

A base de dados do estudo é constituída por excertos da obra, selecionados sob o critério de que contivessem a maior quantidade possível de conteúdo jurídico, seja em forma de descrição, exposição ou de diálogos entabulados pelos

personagens. Um filtro ainda mais estreito foi utilizado para a escolha dos trechos destinados à análise comparativa. Portanto, a razão primeira que orientou a escolha dos excertos foi o de que eles contivessem majoritariamente marcas jurídicas (processamento e julgamento de casos judiciais; termos e expressões jurídicas; atividades dos profissionais do direito, etc.). Caso se queira ter uma visão ampla do contexto em que esses trechos se situam, basta consultá-los no Anexo, onde se encontram assinalados com destaque.

Os aspectos do texto traduzido que são problematizados não se resumem ao uso da terminologia jurídica (aqui compreendida como os termos ou vocábulos), mas também pelas expressões e pelos institutos jurídicos. O estudo quer discutir e avaliar — ao comparar a proposta que se oferece com a tradução de Beatriz Horta — se as opções tradutórias são adequadas à realidade do sistema jurídico da cultura alvo. A análise da tradução anteriormente produzida e sugestão de alternativa a essa tradução é realizada por meio de um texto dissertativo-argumentativa em que, essencialmente, procura-se justificar as decisões de tradução. Em um trabalho de efetiva tradução (e não de análise, como este), os comentários às escolhas tradutórias poderiam ser expressos, de forma mais criteriosa e abreviada, por meio de notas de tradução.

Deve-se salientar que a proposta de tradução apresentada não tem a pretensão de reparar erros ou equívocos que supostamente poderiam ser encontrados no trabalho de Beatriz Horta. Embora a tradução de textos de temática jurídica tenha um leque de opções mais limitado — uma vez que se apoia em um ramo do conhecimento de natureza técnica — é sabido que a tarefa de tradução oferece ao profissional da área uma grande variedade de opções que são adotadas livre, embora conscientemente, por parte desse profissional. As soluções alternativas propostas revelam nada mais que um modo diferenciado de trabalhar e de decidir pelas escolhas tradutórias. Procurou-se evitar a emissão de qualquer juízo de valor, realizando-se, ao contrário, uma descrição que se pretende objetiva.

Feitas essas considerações iniciais, passa-se a um breve reexame da teoria e a da abordagem adotadas na pesquisa, com o objetivo de orientar o exercício de comparação que se segue.

Além da destacada importância atribuída à cultura alvo, o enfoque funcionalista caracteriza-se pela premissa de que o ponto decisivo na concepção de uma tradução é o propósito (*skopos*) do ato comunicativo em uma determinada situação. O

pressuposto é de que, como qualquer outra ação humana, a tradução deve ter um objetivo previamente definido. Vermeer (2004, p. 228) chega a concordar que um propósito legítimo para a tradução literária poderia ser a máxima fidelidade ao original e que a tradução com um *skopos* adequado não significaria necessariamente que o tradutor devesse promover a adaptação aos costumes e usos da cultura alvo; no entanto, o tradutor pode fazer isso:

O que o *skopos* afirma é que se deve traduzir, consciente e consistentemente, de acordo com algum princípio que respeite o texto alvo. A teoria não afirma qual é o princípio: isto deve ser decidido separadamente em cada caso específico. (...) A teoria dos *skopos* diz apenas que o tradutor deve estar ciente de que existe algum objetivo, e que qualquer objetivo é apenas um entre muitos possíveis. (...) O ponto importante é que um determinado texto fonte não tem apenas uma tradução correta ou melhor.¹⁸

Na tradução literária — cuja complexidade é reconhecida por Nord (2016, p. 18) —, importam tanto a mensagem contida no texto fonte, quanto a forma peculiar da mensagem (estilo do autor), segundo o léxico e a sintaxe próprios da língua fonte. A observância desses aspectos contribui para que ocorra a equivalência entre os textos fonte e alvo. Em uma tradução ideal haveria, ainda, uma correspondência da função e do efeito que se observam no texto original.

Como toda a análise textual de Nord valoriza o ato comunicativo, a importância do emissor e do receptor são realçadas. O texto, como tal, carrega em si uma estrutura linguística (mensagem, assunto) que permite o contato entre o emissor e receptor, principais participantes do ato comunicativo. Uma das mais básicas características que definem o texto é a sua coerência semântica. O receptor, particularmente, como destinatário da mensagem, haverá de bem compreendê-la. Se a mensagem puder ser ajustada a sua realidade cultural, presume-se que a sua inteligibilidade será maior. A ausência de referentes, por sua vez, é fator que dificulta, ou impossibilita, a compreensão. O tradutor, como enfatiza Nord (2016, p. 62), está submetido ao princípio ético da lealdade ao texto fonte, mas não deve deixar de considerar para quem o texto é destinado (receptor), ocasião em que, mais acentuadamente, deve levar em consideração o aspecto cultural.

¹⁸ What the *skopos* states is that one must translate, consciously and consistently, in accordance with some principle respecting the target text. The theory does not state what the principle is: this must be decided separately in each specific case. (...) The *skopos* theory merely states that the translator should be aware that some goal exists, and that any given goal is only one among many possible ones. (...) The important point is that a given source text does not have one correct or best translation only.

A análise textual anteriormente realizada — que considerou tanto os fatores intratextuais como os fatores extratextuais — contribui inquestionavelmente para a compreensão da função da tradução no ambiente cultural do texto fonte. Dessa forma, o tradutor estará mais apto a comparar, de forma prospectiva, a função da tradução no texto fonte com a função no texto alvo. Nesse momento, será possível identificar os elementos do texto fonte que devem ser mantidos ou adaptados na tradução. Essa estratégia dá ao *skopos* da tradução uma natureza mais relativa, amenizando, por decorrência, a dicotomia “domesticação” *versus* “estrangeirização”. Esse conceito é relativo, uma vez que a equivalência emerge de uma dada situação tradutória e se configura a partir de vários e distintos fatores, como já discutido antes. A equivalência funcional prioriza mais a legibilidade da tradução do que a preservação da estrutura e características gramaticais do texto original e reconhece que a tradução não é uma ciência exata, que abriga termos unívocos, mas antes, assemelhados e, às vezes, desiguais.

Eventuais dificuldades surgidas durante o trabalho de tradução decorreram da exigência de se conhecer a organização judiciária norte-americana para que se pudesse transpor para situações semelhantes no âmbito do sistema jurídico nacional. Como se verá logo adiante, ao se realizar a análise comparativa das traduções, nem sempre se tem uma correspondência perfeita entre os institutos, em virtude das diferenças referenciais entre as duas culturas. Esse é principal ponto que o tradutor de textos jurídicos enfrenta quando se vê diante de cultura fonte e cultura alvo com sistemas jurídicos diversos. A ausência da equivalência formal não impede, no entanto, que se tenha uma equivalência funcional.

Apesar das diferenças culturais, o “mundo” de *To Kill a Mockingbird* não é tão estranho à realidade da cultura alvo, especialmente no diz respeito à maioria dos temas do romance (discriminação racial, desigualdade, injustiça). Nesse caso, a função do texto fonte (aí incluída a intenção da emissora) tem uma relativa correspondência na cultura alvo. No entanto, embora as realidades culturais fonte e alvo — no que refere ao panorama temático do romance — não sejam tão díspares, ainda assim, as reações e os modos de lidar com cada uma das questões podem diferir bastante.

Diante desses pressupostos teóricos agora mesmo assinalados, tenta-se, por fim, alinhar os parâmetros que orientaram a tomada de decisão e as escolhas tradutórias, com apoio na definição do *skopos* da tradução, ou seja, o seu propósito.

Tome-se as vertentes da matéria e da forma. Quando à matéria, objetiva-se que o conteúdo do texto fonte seja mantido em sua essencialidade, transferindo ao receptor da cultura alvo os aspectos jurídicos abordados na obra em concordância com os conceitos jurídicos existentes na cultura alvo. Quanto à forma, que os aspectos lexicais e estilísticos também possam ser respeitados e transferidos para a cultura alvo, garantindo-se a inteligibilidade textual. A busca pela clareza da mensagem — sem nunca perder de vista os aspectos estilísticos, pois se cuida, afinal, de um texto literário — é aderente à visão do ato comunicativo que, só bem ocorre, quando há uma adequada compreensão, inclusive de termos técnicos (função referencial da linguagem). Então, é razoável pretender que o texto alvo não contenha termos jurídicos próprios da cultura fonte (sobretudo quando há equivalente na cultura alvo), para não impor ao leitor do texto alvo um maior desafio de compreensão. As decisões de tradução procuraram seguir esse norte.

4.2.2 Análise comparada

Inicialmente, se faz uma breve análise extratextual da obra traduzida escolhida para confronto.

A folha de rosto da tradução apresenta o nome da autora (Harper Lee), o título traduzido da obra (O Sol é para todos); o nome da tradutora, Beatriz Horta; e, na parte inferior dessa página, o nome da editora, José Olympio; a cidade, Rio de Janeiro; e o ano de publicação, 2019. A folha de rosto contém, ainda, duas outras informações relevantes: a de que o romance é ganhador do Prêmio Pulitzer de Literatura (ficção) e a de que a publicação corresponde à 33ª edição.

Acerca da tradutora Beatriz Horta, foi colhida a seguinte descrição em Carneiro (2017):

A tradutora brasileira, Beatriz Horta, graduou-se em Comunicação na PUC-Rio, trabalhou como jornalista entre os anos de 1960 e 1990, realizou pós-graduação lato sensu em Tradução Português-Ingês, e atua como tradutora literária para diversas editoras. Dentre as obras por ela traduzidas, destacamos o aclamado romance 'O Sol é para Todos' (To Kill a Mockingbird) de Harper Lee e 'Como eu Era Antes de Você' (Me Before You) de Jojo Moyes, que foi recentemente adaptado para o cinema. Dentre os seus mais de 50 livros traduzidos, citamos também 'A Redoma de Vidro', de Sylvia Plath, 'A Cura de Schopenhauer', de Irvin Yalom e 'Trópico de Câncer', de Henry Miller. (p. 306)

Ao contrário do texto original em inglês, a tradução apresenta metatextos em diferentes partes do livro, como por exemplo: a) na capa, que contém, novamente, a informação de que a obra recebeu o Prêmio Pulitzer de literatura; b) nas orelhas, em que há uma sinopse do livro e um reduzido currículo da autora; c) no verso da capa, contendo informações sobre a repercussão da obra, tal como a de ter sido escolhida pelo *Library Journal* como o melhor romance do século XX e pelos leitores da *Modern Library* como um dos cem melhores romances em língua inglesa desde 1900.

Na obra traduzida, no entanto, não consta prefácio, posfácio ou introdução. A tradutora não fez uso de notas de rodapé (nem tampouco de notas em separado, quer ao final de cada capítulo, quer ao final da obra).

No verso da folha de rosto, além da ficha catalográfica, há, ainda, outras indicações, como, por exemplo, informações sobre *copyright*, autoria da capa e o nome da revisora da tradução, Marina Vargas.

É indicado ao leitor da tradução escolhida para confronto que se trata do gênero literário romance, uma vez que, a sinopse afirma tratar-se de um dos “romances norte-americanos mais importantes do século XX”. Ademais, a obra recebeu premiações e reconhecimentos que a classificam no gênero ficção, como o Pulitzer, em 1961, e o prêmio *Paperback of the Year*, da revista *Bestsellers*, no ano de 1962. A página da *Wikipedia* dedicada à obra afirma que estudiosos têm caracterizado *To Kill a Mockingbird* como um *Southern Gothic* (subgênero artístico de ficção fortemente influenciado por elementos góticos e pelo sul americano) ou um *Bildungsroman* (gênero literário que se concentra no crescimento psicológico e moral do protagonista, desde a infância até a idade adulta; o termo vem das palavras alemãs *Bildung*, “educação”, e *Roman*, “romance”).

Retorne-se à discussão acerca da tradução do texto literário.

As decisões e as escolhas tradutórias dependem — segundo a teoria funcionalista e o modelo Nord adotados na pesquisa — de para qual o público se espera que o texto alvo esteja direcionado. Imediatamente, uma pergunta se impõe: qual seria o público destinatário de um texto literário?

Os receptores de um texto literário não compõem um público específico (especializado), sendo, ao revés, generalizado ou difuso, dos mais diversos matizes. De forma mais singela, pode-se afirmar que o texto literário é direcionado, em primeira e última instância, aos simpatizantes (ou amantes) da boa literatura. Assim, à vista desse público alvo, a tradução dos termos legais não exige, por um lado, o rigor de

um texto acadêmico da área jurídica; mas, por outro lado, o seu conteúdo e sentido não devem ser descaracterizados, devendo se mostrar coerente com a realidade da cultura alvo. Para tanto, o respeito às diferenças culturais e às tradições de cada sistema jurídico não deve ser desprezado. Aqui, a função do texto de chegada não é normativa, mas literária (estética) e, em alguma medida, informativa. Em essência, a tradução de termos, expressões e conceitos jurídicos não deve causar estranheza ao senso comum, isto é, a um leitor leigo na área jurídica. Ademais, nessa seara (considerada as distintas culturas jurídicas), a tradução é dupla: a do idioma e a do sistema jurídico, com suas diversas e diferentes peculiaridades.

A essa altura do estudo, um importante ponto deve ser examinado. Segundo Nord (p. 113) “quanto maior a orientação do TF [texto fonte] para um público particular da cultura fonte, maior a probabilidade de que o TF tenha de ser traduzido como tradução-documento”; nesse caso, as informações fornecidas pelo texto alvo se refeririam ao texto fonte em seu contexto, o que poderia acarretar a impraticabilidade de o texto alvo ter um efeito equivalente, ou a mesma função, do texto fonte.

Ocorre que o romance de Lee não se dirige especificamente a um público particular da cultura fonte, como é próprio do texto literário. Além do mais, *To Kill a Mockingbird*, em particular, é recheado de temáticas universais, uma característica, embora não exclusiva, da boa literatura. Conforme extraído de Santopietro (2018), a própria Harper Lee afirmou ao *Birmingham Post-Herald*, em 1962, que seu livro possui uma temática universal: “Não é um romance ‘racial’. Retrata um aspecto da civilização, não necessariamente a civilização sulista. É um romance sobre a consciência humana... universal no sentido de que poderia acontecer a qualquer um, em qualquer lugar onde as pessoas possam viver juntas.”¹⁹

Daí, então, que, em oposição à tradução-documento (...), o presente estudo adotou no estudo a tradução-instrumento. Veja-se como Nord as diferencia:

As traduções-documento servem para documentar uma comunicação na CF [cultura fonte] entre o autor e o receptor do TF [texto fonte], ao passo que a tradução-instrumento constitui um instrumento comunicativo *sui generis* e transmite uma mensagem do autor do TF diretamente para o receptor do TA [texto alvo]. Uma tradução-instrumento pode ter a mesma função do TF, ou uma função semelhante. (p. 134)

¹⁹ It's not a 'racial' novel'. It portrays an aspect of civilization, not necessarily southern civilization... It's a novel of man's conscience... universal in the sense it could happen to anybody, anywhere people live together.

Desta forma, em uma tradução-documento, o receptor do texto alvo tem consciência de que contempla uma situação da qual ele não faz ou não é parte. Esse tipo de tradução, como expõe Nord (2016, p. 134) “procura preservar ‘a cor local’ do texto fonte”. Ao revés, a tradução-instrumento, nas palavras de Nord:

[...] serve como ferramenta independente da transmissão da mensagem, é usada em uma nova ação comunicativa na CA [cultura alvo] e destina-se a satisfazer seu propósito comunicativo sem que o receptor esteja consciente de ler ou de ouvir um texto que, de uma forma diferente, foi utilizado antes em uma ação comunicativa diferente. (p. 134-135)

Uma das formas da tradução-instrumento, que parece bem se adequar à tradução de *To Kill a Mockingbird*, é aquela em que “se as funções do TF [texto fonte] não podem ser percebidas como tais pelo receptor do TA [texto alvo], podem ser adaptadas pelo tradutor, desde que as funções do TA sejam compatíveis com as funções do TF e não contradigam as intenções do emissor”. (p. 135).

Tudo isso está de acordo com Nord, que afirma de forma categórica:

No contexto de nosso conceito cultural de “compatibilidade”, uma tradução-instrumento só é legítima se a intenção do emissor ou autor não for dirigida exclusivamente ao público da CF [cultura fonte], mas se puder também ser transferida para os receptores da CA [cultura alvo], de modo a oferecer informações no TA [texto alvo] que estão incluídas na oferta de informação do TF [texto fonte]. Se esse não for o caso, a tradução deve ser realizada com a função de documento. (p. 135)

Do exposto, e considerando-se a declaração de Nord acima (acerca da universalidade de sua obra), acredita-se que a pesquisa está bem fundamentada em adotar uma tradução-instrumento. Para Nord (p. 134), mesmo na tradução-instrumento, a função do texto alvo (determinada pelo seu *skopos*) não precisa ser idêntica (ou “equivalente”), mas apenas compatível com a função do texto fonte.

Também deve ser destacado que a aplicação do modelo de Nord foi direcionado a uma melhor compreensão da obra com vistas não só à análise comparativa objeto desse capítulo final, mas também à tradução dos excertos dos capítulos. Portanto, não é de se esperar que as análises realizadas tenham aplicabilidade total a esta parte, que representa um recorte metodológico, vinculado ao exame dos termos jurídicos, como já se afirmou. Os comentários que são feitos logo adiante — que procuram explicitar ou justificar as escolhas tradutórias — indicam uma maneira de interpretar o texto de origem e, assim, melhor compreendê-lo, o que

acaba por gerar novos aprimoramentos da própria tradução. Isso mostra a intrínseca relação entre a leitura analítica, a tradução consciente e o comentário crítico.

Nos exemplos que se seguem, procurou-se sempre, e antes de tudo, compreender qual teria sido a intenção contida no texto fonte, mantendo-se, na medida do possível, a força expressiva, o sentido e, sobretudo, a essência do texto original, de acordo com o princípio da lealdade.

Exemplo 1

To Kill a Mockingbird, Capítulo 1:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|--|---|--|
| It was customary for the men in the family to remain on Simon's <u>homestead</u> , Finch's Landing, and make their living from cotton. (LEE, p. 4) | Os homens da família costumavam se estabelecer na <u>propriedade</u> de Simon, que se chamava Finch's Landing, e viver do plantio de algodão. | Os homens da família costumavam permanecer na <u>propriedade rural</u> de Simon, chamada Finch's Landing, e viver do plantio de algodão. |

Embora possa estar implícito, entende-se conveniente acrescentar ao termo substantivo *homestead* (propriedade) o adjetivo “rural” (embora a expressão “plantio de algodão” já indique tratar-se de área agrícola), ainda que seja apenas para deixar explícita a intenção da autora: marcar a diferença do posicionamento de Atticus — que optou por morar na cidade, ao invés de permanecer no campo — em relação aos seus ascendentes, como fica claro na sequência do capítulo.

Exemplo 2

To Kill a Mockingbird, Capítulo 1:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|--|---|--|
| When my father was <u>admitted to the bar</u> , he returned to Maycomb and <u>began his practice</u> . (LEE, p. 4) | Depois de <u>obter o diploma</u> , meu pai voltou para Maycomb e <u>começou a exercer a profissão</u> . | Quando meu pai foi <u>aprovado no exame da associação de advogados</u> , retornou a Maycomb e <u>começou a exercer a advocacia</u> . |

Nos Estados Unidos, *bar examination* é um exame administrado por uma associação de advogados de uma determinada jurisdição. Para ser admitido na associação e, como decorrência, possa atuar perante as varas e tribunais dessa

jurisdição (*admission to the bar*), o advogado deve, antes, ser aprovado nesse exame. No Brasil, a permissão para exercer a advocacia é concedida após a aprovação no exame da Ordem dos Advogados (deixou-se de usar esse termo na tradução, por representar uma domesticação excessiva).

Acerca desse exemplo, caberia mencionar a seguinte recomendação de Nord (2016):

O tradutor deve considerar o fato de que uma informação “trivial” para os emissores do TF [texto fonte], em razão do seu conhecimento prévio da cultura fonte (que logicamente não é mencionada no TF), pode ser desconhecida do público leitor da tradução e, portanto, deve ser mencionada no texto alvo (...) (p. 173)

Exemplo 3

To Kill a Mockingbird, Capítulo 1:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|---|--|--|
| Atticus's office in the courthouse contained ... <u>an unsullied Code of Alabama.</u> (LEE, p. 4) | No escritório de Atticus no tribunal havia... <u>um imaculado Código Penal do Alabama.</u> | No escritório de Atticus no tribunal havia ... <u>uma Consolidação das Leis do Alabama novinha em folha.</u> |

Code, nesse contexto, poderia se referir tanto a “Código” como a “Consolidação das Leis”. No caso, optou-se pela segunda acepção, uma vez que “Código” normalmente se refere a um campo, área ou disciplina específica do direito (Código Civil, Código Penal, Código Comercial, etc.). No caso, o texto se refere ao *Code* do Alabama, isto é, a uma Consolidação das Leis desse estado americano, que engloba vários ramos do direito (habitação, relações trabalhistas, sistema bancária, comércio, saúde, habitação, serviços, públicos, etc.). Ademais, o romance deixa claro, mais adiante, que a principal área de atuação jurídica de Atticus não é o Direito Penal; ele só atuou no caso de Tom Robinson por ter sido designado pelo juiz do Condado.

Nesse pequeno trecho, também se pode observar o uso figurado do adjetivo *unsullied* que, no contexto, teria o sentido de “não manchado”, “limpo”, “impecável”; portanto, numa cor mais local, “novinho em folha”.

Exemplo 4

To Kill a Mockingbird, Capítulo 1:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|--|---|---|
| Atticus had urged them to accept the state's generosity in allowing them <u>to plead Guilty to second-degree murder</u> and escape with their lives... (LEE, p. 5) | Atticus tinha insistido para que eles aceitassem a generosidade do Estado, que permitiria que continuassem vivos caso <u>se declarassem culpados de homicídio</u> . | Atticus tentara convencê-los a aceitar a generosidade do estado em permitir que <u>se declarassem culpados de homicídio de segundo grau</u> e, assim, continuassem vivos... |

Na análise do verbete “homicídio”, Castro (2013, p. 200), entre muitas outras considerações, comenta: “**first-degree murder; second-degree murder**: homicídio de primeiro grau; homicídio de segundo grau. Na maioria dos estados, o **first-degree murder é homicídio por dolo direto**; o **second-degree murder é o homicídio por dolo eventual**. Mas prefira traduzir de modo literal.”

Em linhas gerais, o dolo direto é o dolo propriamente dito, que se caracteriza pela vontade livre e consciente de um determinado agente praticar uma conduta prevista na legislação penal; o dolo eventual, por sua vez, ocorre quando o indivíduo não quer diretamente o resultado, mas assume o risco de produzi-lo. Portanto, o homicídio praticado com dolo direto é mais grave (sendo, por consequência, apenado mais severamente) do que o praticado com dolo eventual. A tradução, quer se opte por “homicídio de segundo grau” ou por “homicídio por dolo eventual”, há de refletir essa diferença. No caso do romance, a “generosidade” do estado em livrar os Haverfords da pena de morte somente se daria casos os réus se declarassem culpados (*plea of guilty*) dessa espécie menos grave de homicídio — mas não de qualquer homicídio —, daí a indispensável necessidade de qualificá-lo, pois de outra forma o texto não faria sentido (até porque, mais adiante, é expressamente afirmado que os Haverford realmente mataram o melhor ferreiro de Maycomb).

Uma outra opção seria fazer uma adaptação — no caso, por meio de um procedimento de expansão textual —, tal como: ... se declarassem culpados de terem cometido uma espécie de homicídio menos grave..., na linha defendida por Nord (2016):

Durante o processo de análise textual, o tradutor isola os elementos textuais que são determinados pelo público do texto fonte. Uma vez que cada texto alvo é dirigido especificamente para os receptores em situações diferentes daquelas em que o texto fonte é ou foi dirigido, a adaptação, precisamente, desses elementos é de especial importância. (p. 99)

Exemplo 5

To Kill a Mockingbird, Capítulo 16:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|---|---|---|
| Only once was Judge Taylor ever seen at a dead standstill in <u>open court</u> , and the Cunninghams stopped him. (LEE, p. 182) | Só se absteve uma vez, <u>em um julgamento aberto</u> envolvendo os Cunningham. | Uma única vez, <u>em uma sessão pública do tribunal</u> , numa disputa envolvendo os Cunninghams, o juiz Taylor chegara a um impasse. |

Segundo o Merriam-Webster's Dictionary of Law (1996, p. 336), *an open court is a session of a court that is open to the public*.

O sistema jurídico do *Common law*, de forma geral, exige que os julgamentos ocorram em sessões públicas, ou seja, sessões a que o público tenha o direito de ser admitido. Este termo (*open court*) também pode ter o significado de um tribunal que foi formalmente convocado e declarado aberto para tratar de questões judiciais, acepção que não condiz com o contexto da obra, o que fica claro logo adiante no texto, quando o juiz Taylor declara “esperar em Deus que os litigantes estivessem satisfeitos por terem tido a oportunidade de expressar publicamente a sua opinião”²⁰.

A expressão “julgamento aberto”, em razão da sinonímia do adjetivo, tem outros significados (como, por exemplo, julgamento ostensivo, ou seja, não sigiloso); portanto, essa escolha pode confundir desnecessariamente o leitor da tradução.

Exemplo 6

To Kill a Mockingbird, Capítulo 23:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|---|--|--|
| “You know rape’s a capital offense in Alabama,” said Atticus. (LEE, p. 242) | — <u>Você sabe que o estupro é considerado crime capital no Alabama</u> — lembrou Atticus. | — <u>Você bem sabe que estupro é crime capital no Alabama</u> — lembrou Atticus. |

²⁰ (...) he hoped to God the litigants were satisfied by each having had their public say. (LEE, p. 182)

Em razão da importância, no romance, da acusação contra Tom Robinson de ter cometido o crime de estupro, os dois termos técnicos contidos no exemplo, *rape* e *offense*, merecem ser brevemente examinados.

De acordo com Fonseca (2014):

Com a nova redação da lei [Lei nº 12.015/2009], a definição do crime de **estupro** aproximou-se da definição adotada pelo de **rape**. No sistema anglo-americano, o crime de **rape** é considerado um **sex crime** e um **sexual assault** (crime de violência sexual). Os sujeitos ativo e passivo do crime de *rape* — e, após 2009, também os do crime de estupro — podem pertencer a qualquer um dos sexos. No inglês, essa característica se evidencia nos sintagmas formado com o termo *rape*: *oral rape*, *anal rape*, *male rape* etc. (p. 180-1)

Castro (2013), no verbete **offense**, expõe:

De acordo com o *Black's Law Dictionary*, em inglês o termo *offense* é sinônimo de crime. Portanto, traduza **offense** por crime. Não traduza **offense** por “ofensa”. Escreve-se **offense** nos EUA; e **offence** no Reino Unido. **There is probable cause to believe that an offense has been committed ant that the defendant committed it.** Há indícios fortes da materialidade e da autoria do crime. (p. 640)

Nesse exemplo, o modo como Atticus se expressa — “Você bem sabe que estupro é crime capital no Alabama” — permite que o leitor conclua que, pelo menos em algum outro estado americano, esse crime não teria a mesma pena. Como se vê, os fatores situacionais (e extratextuais) de lugar, tempo e motivo desempenham um papel importante na tradução literária, pois transmitem as características culturais específicas das situações fonte que devem ser transmitidas à situação alvo. O receptor fica sabendo que, embora a cidade de Maycomb seja fictícia, o Alabama é real; e, naquele local, àquela época, por motivo de estupro, a lei é a mais severa possível.

Exemplo 7

To Kill a Mockingbird, Capítulo 23:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|---|---|---|
| “Yessir, but the jury didn't have to give him death—if they wanted to <u>they could've gave him twenty years.</u> ” (LEE, p. 242) | — Eu sei, mas os jurados não precisavam condená-lo à morte... <u>podiam dar uma sentença de vinte anos.</u> | — Sim, senhor; mas os jurados não precisavam condená-lo à morte; se quisessem, <u>poderiam ter fixado uma pena de vinte anos.</u> |

Logo após esse trecho, Atticus — em conversa acalorada com Jem acerca do resultado do julgamento de Tom Robinson — afirma que, pelo fato de o réu ser um homem de cor, o júri, diante da acusação de estupro, não tomaria uma atitude de dizer: “achamos que você é culpado, mas não muito”²¹; assim, o veredito seria pela absolvição direta ou pela condenação à morte. Logo depois, ainda na mesma discussão, Atticus faz menção à possibilidade de modificar a lei para que, em casos de crime com pena capital, somente os juízes pudessem decidir.

Diante desse contexto, é lícito concluir que, embora os jurados tenham decidido pela pena de morte, atuando nos limites da lei do estado do Alabama (e não pela adoção de outra pena alternativa, como a sugerida por Jem), a expedição da sentença penal condenatória (*conviction; judgment of conviction*) é ato privativo do juiz. Por essa razão, entende-se mais apropriado traduzir — tanto para a situação da cultura alvo quanto para a da cultura fonte — o verbo *to give*, que tem por sujeito o júri ou os jurados, por “fixar uma pena”, e não por “sentenciar”.

Exemplo 8

To Kill a Mockingbird, Capítulo 23:

| Texto original | Tradução de Horta | Tradução proposta |
|--|---|---|
| The law says 'reasonable doubt,' but I think a <u>defendant's</u> entitled to the shadow of a doubt. There's always the possibility, no matter how improbable, that he's innocent. (LEE, p. 242) | A lei fala em "dúvida razoável", mas eu acho que o <u>condenado</u> tem direito à sombra de uma dúvida. Há sempre a possibilidade, por mais improvável que seja, de ele ser inocente. | A lei fala em "dúvida razoável", mas penso que o <u>acusado</u> tem direito à sombra de uma dúvida. Sempre há a possibilidade, por mais improvável que seja, de ele ser inocente. |

Nesse trecho é preciso que faça uma distinção entre “acusado” (ou “réu”) e “condenado”. O acusado é aquele que, após o oferecimento de uma denúncia pelo Ministério Público, responde a uma ação penal. Em inglês, o termo para acusado é *defendant*. Somente após o trânsito em julgado da sentença condenatória — portanto, quando não há mais dúvida a respeito da prática do crime e do autor do delito — é que se pode falar em condenado, sentenciado ou apenado (em inglês, *convict* ou, no caso, da obra, *convicted criminal*). Veja-se que, no exemplo em exame, a autora usa

²¹ We think you're guilty, but not very. (LEE, p. 242)

o termo *defendant* de maneira apropriada, uma vez que se discute uma fase que antecede o julgamento. Portanto, *defendant* deve ser traduzido como “acusado” ou “réu”.

Cabe referenciar aqui uma observação de Nord (2016), ao concluir o exame crítico de algumas traduções:

Embora todos os tradutores pareçam dispor dos meios linguísticos necessários para a produção de um texto alvo funcional, é evidente que não conseguiram usar esses meios de modo consistente e adequado. Os defeitos e imperfeições descobertos nas traduções poderiam ter sido evitados por uma análise textual orientada para a tradução. (p. 407)

Ao final desses exemplos, espera-se ter ficado manifesto o benefício de se adotar uma análise textual direcionada à tradução, tanto para que se tenha uma melhor compreensão do texto fonte quanto para que se possa orientar as pesquisas necessárias antes de realizar, efetivamente, a tradução. Ao lidar com textos de temática técnica, o proveito é tão mais expressivo quanto menos conhecimento especializado o tradutor detiver.

Acredita-se, por fim, que o exercício que se acabou de realizar — além de ter concretizado o objetivo principal do estudo — demonstre que a adoção dos ensinamentos da teoria funcionalista, de Reiss e Vermeer, e das prescrições do modelo de análise textual direcionado à tradução, de Nord, bem se adéquam quer à tradução de textos literários, quer à tradução de textos de conteúdo jurídico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução desse estudo foram apresentados o seu objetivo principal e os objetivos secundários, concretizados, ao longo do trabalho, respectivamente, pela análise comparada de trechos da tradução de Beatriz Horta de “O Sol é para todos” com a tradução proposta na pesquisa (realizada no quarto capítulo); pela aplicação do modelo de análise textual direcionado à tradução de Christiane Nord a excertos do romance *To Kill a Mockingbird* (objeto do segundo capítulo); pelo exame da relação entre o direito e a literatura (discutida no terceiro capítulo); e, por fim, pela tradução, após a aplicação do modelo de análise textual de Nord, a excertos colhidos de diferentes capítulo do citado romance.

Quanto à metodologia adotada, o estudo examinou a teoria funcionalista, proposta por Katharina Reiss e Hans Vermeer, bem como o modelo de análise textual direcionado à tradução, desenvolvido por Christiane Nord. Verificou-se que a abordagem funcionalista dá grande atenção ao projeto tradutório, bem como à delimitação dos propósitos visados pela tradução, tendo como elemento determinante o receptor do texto de chegada. A abordagem de Nord mostrou-se de especial relevância ao direcionar o trabalho do tradutor, antes de qualquer outra providência, à integral compreensão do texto fonte.

A aplicação prática do modelo de análise textual para a tradução, proposto por Nord, à obra selecionada para tradução, teve duplo propósito: a) uma melhor e mais ampla compreensão da obra, com vistas à tradução dos excertos selecionados; e b) a realização de estudo comparativo entre a tradução de Beatriz Horta e a tradução proposta. A análise prática das dimensões intra e extratextuais (preconizadas pelo modelo) evidenciou a importância dessas dimensões para a compreensão do texto e, em momento posterior, para a feitura da tradução.

Ao considerar que a obra escolhida para tradução parcial continha uma quantidade expressiva de conteúdo jurídico, o estudo entendeu pertinente ampliar a pesquisa, o que foi feito por meio do exame do relacionamento entre a literatura e o direito. A expansão dos estudos se revelou de real importância, sobretudo pelo alargamento da visão das injustiças que um sistema jurídico deficiente pode gerar, bem como, em termos práticos, para o alcance do objetivo principal do estudo.

O exercício da análise comparativa das traduções, a partir das orientações do modelo proposto por Nord, constituiu o derradeiro capítulo do trabalho e resultou no

cumprimento do objetivo principal delineado no estudo. Inicialmente, foi examinada a aplicabilidade do modelo à pesquisa, onde se concluiu pela sua viabilidade: a boa compreensão das características do texto fonte, tanto em relação à estrutura quanto ao conteúdo, habilita o tradutor a eleger as técnicas e estratégias que mais se ajustem à finalidade de seu trabalho. Em seguida, foi realizada a análise comparada. Os comentários que ali foram postos buscaram apoio, sempre que possível, na teoria funcionalista e no modelo de Nord.

Espera-se que o estudo empreendido tenha contribuído para demonstrar os ganhos da adoção da análise textual direcionada à tradução, seja para uma melhor compreensão do texto de partida, seja, por decorrência, para a realização de uma tradução mais consciente e fundamentada.

Supõe-se, ainda, que o estudo tenha acrescentado um pequeno reforço na demonstração de que os ensinamentos da teoria funcionalista, de Reiss e Vermeer, e das prescrições do modelo de análise textual direcionado à tradução, de Nord, guardam compatibilidade tanto com a tradução de textos literários quanto com a tradução de textos de conteúdo jurídico.

REFERÊNCIAS

- Bitesize (BBC). London. Disponível em: www.bbc.co.uk. Acesso em: 14 mar. 2022.
- CARNEIRO, R. M. O. Shields, Carol. *Bondade*. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, 271 p. Cadernos de Tradução, Florianópolis, v. 37, nº 2, p. 304-317, mai-ago 2017
- CASTRO, M. M. de. Dicionário de Direito, Economia e Contabilidade, Português-Inglês e Inglês-Português. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.
- CliffsNotes. Redwood, CA. Disponível em: www.cliffsnotes.com. Acesso em: 21 abr. 2022.
- Course Hero. Redwood, CA. Disponível em: www.coursehero.com. Acesso em: 2 mar. 2022.
- FONSECA, L. C. Inglês jurídico: tradução e terminologia. São Paulo: Lexema, 2014.
- GENTZLER, E. Teorias Contemporâneas da Tradução. Tradução: Marcos Malvezzi. 2. ed. rev. São Paulo: Madras, 2009.
- GODOY, A. S. de M. Os pais fundadores: John Henry Wigmore, Benjamin Nathan Cardozo e Lon Fuller. Direito e Literatura. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/9995/direito-e-literatura>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- GRIMES, W. Harper Lee. Letras in.verso e re.verso: Literatura e entretenimento. fev. 2016. Disponível em: <http://www.blogletras.com/2016/02/harper-lee.html>. Acesso em: 15 abr. 2022.
- HOUAISS, A.; AVERY, C. B. Brazilian English-Portuguese Dictionary. Dicionário Brasileiro Inglês-Português. New Jersey. Prentice Hall, 1887.
- Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia. Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- LANDO, I. M. Vocabulando: Vocabulário Prático Inglês-Português. 2. ed. São Paulo: DISAL, 2015.
- LEE, H. To Kill a Mockingbird. London: Arrow Books, 2010.
- _____. O Sol é para todos. Tradução: Beatriz Horta. 33 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.
- MATTOS, T; FALEIROS, A. A noção de retradução nos estudos da tradução: um percurso teórico. Revista Letras Raras. v. 3, n. 2, 2014. p. 35-57.
- Merriam-Webster. Dictionary of Law. Harrisonburg VA, 1996.
- MILLS, M. The Mockingbird Next Door: Life with Harper Lee. New York: The Penguin Press, 2014.

NORD, C. Análise Textual em Tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática. Coordenação da tradução e adaptação de Meta Elisabeth Zipsler. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

REISS, K.; VERMEER, H.J. Fundamentos para una teoría funcional de la traducción. Tradução de Sandra García Reina e Celia Martín de León. Madrid: Ediciones Akal, 1996. 206 p.

SANTOPIETRO, T. Why To Kill a Mockingbird Matters: What Harper Lee's Book and the Iconic American Film Mean to Us Today. New York, St. Martin's Press: 2018.

SANTOS, A. S. Guia prático da tradução inglesa: como evitar as armadilhas das falsas semelhanças. Ed. rev., ampl. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

SANTOS, S. M. P. Direito e literatura: perspectiva transdisciplinar na abordagem de temas sociais e jurídicos. Interfaces Científicas - Direito, Aracaju. v. 1. n. 1, p. 27-34, out. 2012.

SparkNotes. New York, NY. Disponível em: www.sparknotes.com. Acesso em: 7 mar. 2022.

STEPHENS, R. O. The Law and the Code in Harper Lee's To Kill a Mockingbird. Southern Cultures. The University of North Carolina Press. 1995, v. 1, p. 215-227.

TEMPLE, E. A Brief Survey of the Great American Novel(s). Literary Hub. 2017, Disponível em: <https://lithub.com/a-brief-survey-of-great-american-novels/>. Acesso em: 3 abr. 2022.

VERMEER, H. J. Skopos and Commission in Translational Action. Translated by Andrew Chesterman. In: VENUTI, L. (ed.). The Translation Studies Reader. New York: Routledge: 2004. p. 221-232.

Anexo — Texto de partida e texto de chegada

Excertos do Capítulo 1

| Texto de partida | Texto de chegada |
|---|---|
| <p>It was customary for the men in the family to remain on Simon's homestead, Finch's Landing, and make their living from cotton.</p> | <p>Os homens da família costumavam permanecer na propriedade rural de Simon, chamada <i>Finch's Landing</i>, e viver do plantio de algodão.</p> |
| <p>The place was self-sufficient: modest in comparison with the empires around it, the Landing nevertheless produced everything required to sustain life except ice, wheat flour, and articles of clothing, supplied by river-boats from Mobile.</p> | <p>A fazenda era autossuficiente: modesta em comparação com os impérios ao seu redor, o <i>Landing</i>, no entanto, produzia tudo o que era necessário à vida, exceto gelo, farinha de trigo e peças de vestuário, fornecidos pelas embarcações fluviais provenientes de Mobile.</p> |
| <p>Simon would have regarded with impotent fury the disturbance between the North and the South, as it left his descendants stripped of everything but their land, yet the tradition of living on the land remained unbroken until well into the twentieth century, when my father, Atticus Finch, went to Montgomery to read law, and his younger brother went to Boston to study medicine. Their sister Alexandra was the Finch who remained at the Landing: she married a taciturn man who spent most of his time lying in a hammock by the river wondering if his trot-lines were full.</p> | <p>Simon teria observado com uma fúria impotente o conflito entre o Norte e o Sul, dado que, em razão dele, seus descendentes foram despojados de tudo, exceto de suas terras; no entanto, a tradição de viver nelas se manteve inalterada até meados do século XX, quando meu pai, Atticus Finch foi para Montgomery estudar direito e seu irmão mais novo para Boston estudar medicina. A irmã deles, Alexandra, foi a única Finch que permaneceu no <i>Landing</i>: casou-se com um homem taciturno que passava a maior parte do seu tempo deitado em uma rede à beira do rio, imaginando se seu espinel já estaria cheio de peixes.</p> |
| <p>When my father was admitted to the bar, he returned to Maycomb and began his practice.</p> | <p>Quando meu pai foi aprovado no exame da Associação, retornou a Maycomb e começou a exercer a advocacia.</p> |
| <p>Maycomb, some twenty miles east of Finch's Landing, was the county seat of Maycomb County. Atticus's office in the courthouse contained little more than a hat rack, a spittoon, a checkerboard and an unsullied Code of Alabama. His first two clients were the last two persons hanged in the Maycomb County jail. Atticus had urged them to accept the state's generosity in allowing them to plead Guilty to</p> | <p>Maycomb, cerca de trinta quilômetros a leste de <i>Finch's Landing</i>, era a sede do condado de Maycomb. No escritório de Atticus no tribunal havia pouco mais do que um cabide para chapéus, uma escarradeira, um tabuleiro de damas e uma Consolidação das Leis do Alabama novinha em folha. Seus primeiros dois clientes foram as duas últimas pessoas enforcadas na prisão do condado de Maycomb. Atticus tentara convencê-los</p> |

| | |
|---|---|
| <p>second-degree murder and escape with their lives, but they were Haverfords, in Maycomb County a name synonymous with jackass. The Haverfords had dispatched Maycomb's leading blacksmith in a misunderstanding arising from the alleged wrongful detention of a mare, were imprudent enough to do it in the presence of three witnesses, and insisted that the-son-of-a-bitch-had-it-coming-to-him was a good enough defense for anybody. They persisted in pleading Not Guilty to first-degree murder, so there was nothing much Atticus could do for his clients except be present at their departure, an occasion that was probably the beginning of my father's profound distaste for the practice of criminal law.</p> | <p>a aceitar a generosidade do estado em permitir que se declarassem culpados de homicídio de segundo grau e, assim, continuassem vivos; mas eles eram Haverfords, sobrenome que, no condado de Maycomb, era sinônimo de idiotice. Os Haverfords haviam despachado o principal ferreiro de Maycomb em um mal-entendido decorrente do alegado confisco injusto de uma égua, foram imprudentes a ponto de cometer o crime na presença de três testemunhas e insistiram que o filho da puta merecera morrer, o que seria uma justificativa boa o suficiente para qualquer pessoa. Eles insistiram em peticionar pela absolvição de homicídio de primeiro grau; então, não havia nada que Atticus pudesse fazer, exceto estar presente na execução de seus clientes, ocasião que provavelmente foi o início da profunda aversão de meu pai pela prática do direito penal.</p> |
| <p>During his first five years in Maycomb, Atticus practiced economy more than anything; for several years thereafter he invested his earnings in his brother's education. John Hale Finch was ten years younger than my father, and chose to study medicine at a time when cotton was not worth growing; but after getting Uncle Jack started, Atticus derived a reasonable income from the law. He liked Maycomb, he was Maycomb County born and bred; he knew his people, they knew him, and because of Simon Finch's industry, Atticus was related by blood or marriage to nearly every family in the town.</p> | <p>Durante seus primeiros cinco anos em Maycomb, Atticus praticou economia mais do que qualquer coisa; depois disso, investiu seus ganhos, por vários anos, na educação do irmão. John Hale Finch era dez anos mais novo que meu pai e escolheu estudar medicina numa época em que não valia a pena cultivar algodão; porém, depois de dar apoio ao tio Jack, Atticus passou a ter uma renda razoável com a advocacia. Gostava de Maycomb, era nascido e criado no Condado de Maycomb; conhecia seu povo, eles o conheciam e, por causa da numerosa prole de Simon Finch, Atticus era parente consanguíneo ou por afinidade de quase todas as famílias da cidade.</p> |

Excertos do Capítulo 15

| Texto de partida | Texto de chegada |
|---|--|
| <p>Atticus's office was in the courthouse when he began his law practice, but after several years of it he moved to quieter quarters in the Maycomb Bank building. When we rounded the corner of the square, we saw the car parked in front of the bank. "He's in there," said Jem.</p> | <p>Quando começou a exercer a advocacia, o escritório de Atticus ficava no tribunal, mas depois de alguns anos ele se mudou para um aposento mais reservado no prédio do <i>Maycomb Bank</i>. Logo que dobramos a esquina da praça, vimos o carro estacionado em frente ao banco.</p> <p>— Ele está lá — exclamou Jem.</p> |
| <p>But he wasn't. His office was reached by a long hallway. Looking down the hall, we should have seen Atticus Finch, Attorney-at-Law in small sober letters against the light from behind his door. It was dark.</p> | <p>Mas não estava. O escritório ficava no final de um longo corredor e, olhando para o fundo, devíamos ter visto na porta: "Atticus Finch – Advogado", em letras pequenas e discretas, iluminadas pela luz do interior. No entanto, estava tudo às escuras.</p> |
| <p>Jem peered in the bank door to make sure. He turned the knob. The door was locked. "Let's go up the street. Maybe he's visitin' Mr. Underwood."</p> | <p>Jem averiguou a porta do banco para ter certeza. Girou a maçaneta. A porta estava trancada.</p> <p>— Vamos subir a rua; talvez ele tenha ido visitar o Sr. Underwood.</p> |
| <p>Mr. Underwood not only ran The Maycomb Tribune office, he lived in it. That is, above it. He covered the courthouse and jailhouse news simply by looking out his upstairs window. The office building was on the northwest corner of the square, and to reach it we had to pass the jail.</p> | <p>O Sr. Underwood não apenas dirigia o escritório do <i>Maycomb Tribune</i>, como também vivia nele. Ou melhor, no andar de cima. Cobria as notícias do tribunal e da cadeia simplesmente olhando pela janela do andar superior. O prédio ficava no canto noroeste da praça e, para chegar lá, tínhamos de passar pela cadeia.</p> |
| <p>The Maycomb jail was the most venerable and hideous of the county's buildings. Atticus said it was like something Cousin Joshua St. Clair might have designed. It was certainly someone's dream. Starkly out of place in a town of square-faced stores and steep-roofed houses, the Maycomb jail was a miniature Gothic joke one cell wide and two cells high, complete with tiny battlements and flying buttresses. Its fantasy was heightened by its red brick</p> | <p>A cadeia de Maycomb era o mais venerado e hediondo dos edifícios do condado. Atticus dizia que parecia algo que o primo Joshua St. Clair poderia ter projetado. Certamente teria sido o devaneio de alguém. Totalmente deslocada em uma cidade de lojas de fachadas quadradas e casas de telhados íngremes, a cadeia de Maycomb era uma piada gótica em miniatura com uma cela de largura e duas de altura, integrada com minúsculas ameias e</p> |

| | |
|--|---|
| <p>facade and the thick steel bars at its ecclesiastical windows. It stood on no lonely hill, but was wedged between Tyndal's Hardware Store and The Maycomb Tribune office. The jail was Maycomb's only conversation piece: its detractors said it looked like a Victorian privy; its supporters said it gave the town a good solid respectable look, and no stranger would ever suspect that it was full of niggers.</p> | <p>arcobotantes. Sua fantasia era intensificada pela fachada de tijolos vermelhos e pelas grossas barras de aço das janelas eclesiásticas. Não ficava em uma colina isolada, mas encravada entre a loja de ferragens de <i>Tyndal</i> e o escritório do <i>Maycomb Tribune</i>. A prisão era o único assunto de conversa em Maycomb: seus detratores diziam que parecia uma latrina vitoriana; seus defensores diziam que ela dava à cidade uma aparência séria e respeitável, e nenhum forasteiro jamais suspeitaria que ela estava cheia de pretos.</p> |
|--|---|

Excertos do Capítulo 16

| Texto de partida | Texto de chegada |
|--|--|
| <p>The jury sat to the left, under long windows. Sunburned, lanky, they seemed to be all farmers, but this was natural: townfolk rarely sat on juries, they were either struck or excused. One or two of the jury looked vaguely like dressed-up Cunninghams. At this stage they sat straight and alert.</p> | <p>O júri sentava-se à esquerda, sob extensas janelas. Queimados pelo sol, magricelas, pareciam ser todos trabalhadores do campo, o que não era de se estranhar, uma vez que os moradores da cidade raramente faziam parte do júri: eram recusados ou dispensados. Um ou outro dos membros do júri lembrava vagamente um Cunningham bem-vestido. Nesse momento, encontravam-se sentados, eretos e atentos.</p> |
| <p>The circuit solicitor and another man, Atticus and Tom Robinson sat at tables with their backs to us. There was a brown book and some yellow tablets on the solicitor's table; Atticus's was bare.</p> | <p>O promotor de justiça acompanhado de outro homem, Atticus e Tom Robinson, estavam sentados em suas mesas, de costas para nós. Havia um livro marrom e alguns blocos de notas amarelos na mesa do promotor; a de Atticus estava vazia.</p> |
| <p>Just inside the railing that divided the spectators from the court, the witnesses sat on cowhide-bottomed chairs. Their backs were to us.</p> | <p>Logo após a divisória que separava o tribunal do público, as testemunhas sentaram-se em cadeiras com assento de couro, de costas para nós.</p> |

| | |
|--|--|
| <p>Judge Taylor was on the bench, looking like a sleepy old shark, his pilot fish writing rapidly below in front of him. Judge Taylor looked like most judges I had ever seen: amiable, white-haired, slightly ruddyfaced, he was a man who ran his court with an alarming informality—he sometimes propped his feet up, he often cleaned his fingernails with his pocket knife. In long equity hearings, especially after dinner, he gave the impression of dozing, an impression dispelled forever when a lawyer once deliberately pushed a pile of books to the floor in a desperate effort to wake him up. Without opening his eyes, Judge Taylor murmured, “Mr. Whitley, do that again and it’ll cost you one hundred dollars.”</p> | <p>O Juiz Taylor ocupava a tribuna, parecendo um velho tubarão adormecido, enquanto seu peixe-piloto, logo embaixo, à sua frente, escrevia com rapidez. O juiz Taylor se parecia com a maioria dos juízes que eu já tinha visto: afável, de cabelos brancos e rosto levemente rosado, presidia o tribunal de forma incrivelmente informal — às vezes, com os pés apoiados sobre a mesa, costumava limpar as unhas com um canivete. Durante as alongadas audiências sobre disputa de bens, sobretudo as que ocorriam depois do almoço, dava a impressão de cochilar, impressão que se dissipou definitivamente quando, certa vez, um advogado derrubou de propósito uma pilha de livros, num esforço extremo para acordá-lo. Sem abrir os olhos, o juiz Taylor murmurou: “Sr. Whitley, se fizer isso outra vez, será multado em cem dólares.”</p> |
| <p>He was a man learned in the law, and although he seemed to take his job casually, in reality he kept a firm grip on any proceedings that came before him. Only once was Judge Taylor ever seen at a dead standstill in open court, and the Cunninghams stopped him. Old Sarum, their stamping grounds, was populated by two families separate and apart in the beginning, but unfortunately bearing the same name. The Cunninghams married the Coninghams until the spelling of the names was academic—academic until a Cunningham disputed a Coningham over land titles and took to the law. During a controversy of this character, Jeems Cunningham testified that his mother spelled it Cunningham on deeds and things, but she was really a Coningham, she was an uncertain speller, a seldom reader, and was given to looking far away sometimes when she sat on the front gallery in the evening. After nine hours of</p> | <p>O juiz era um homem versado na lei e, embora parecesse exercer o seu cargo de maneira despreocupada, na verdade controlava com firmeza todos os processos em que atuava. Uma única vez, em uma sessão pública do tribunal, numa disputa envolvendo os Cunninghams, o juiz Taylor chegara a um impasse. Old Sarum, a localidade de origem dos Cunninghams, era habitada, no início, por duas famílias separadas e independentes, mas que, infelizmente, tinham o mesmo nome. Os Cunninghams se casaram com os Coninghams e, até então, a grafia dos nomes era apenas uma questão acadêmica — até que um Cunningham teve uma controvérsia com um Coningham sobre a propriedade de um terreno e recorreu à justiça. No decurso dessa controvérsia, Jeems Cunningham testemunhou que sua mãe assinava Cunningham para todos os efeitos, mas ela era, sem dúvida, uma Coningham:</p> |

| | |
|---|--|
| <p>listening to the eccentricities of Old Sarum's inhabitants, Judge Taylor threw the case out of court. When asked upon what grounds, Judge Taylor said, "Champertous connivance," and declared he hoped to God the litigants were satisfied by each having had their public say. They were. That was all they had wanted in the first place.</p> | <p>quase não entendia de ortografia, pouco lia e, às vezes, costumava ficar com o olhar perdido quando se sentava na varanda ao entardecer. Depois de nove horas ouvindo as excentricidades dos habitantes de Old Sarum, o juiz Taylor considerou o tribunal incompetente para o caso. Quando questionado sobre o fundamento, o juiz Taylor justificou: "litigância de má-fé", e declarou esperar em Deus que os litigantes estivessem satisfeitos por terem tido a oportunidade de expressar publicamente a sua opinião. E eles estavam: era isso que queriam, antes de tudo.</p> |
| <p>Judge Taylor had one interesting habit. He permitted smoking in his courtroom but did not himself indulge: sometimes, if one was lucky, one had the privilege of watching him put a long dry cigar into his mouth and munch it slowly up. Bit by bit the dead cigar would disappear, to reappear some hours later as a flat slick mess, its essence extracted and mingling with Judge Taylor's digestive juices. I once asked Atticus how Mrs. Taylor stood to kiss him, but Atticus said they didn't kiss much.</p> | <p>O juiz Taylor tinha um hábito interessante. Ele permitia fumar no tribunal, mas não favorecia a si mesmo: às vezes, com alguma sorte, seria possível ter o privilégio de vê-lo mascar lentamente um longo charuto apagado. Aos poucos, o charuto desapareceria, para reaparecer horas depois na forma de uma pasta achatada e pegajosa, cuja essência, após extraída, misturava-se aos sucos digestivos do juiz Taylor. Uma vez perguntei a Atticus como a Sra. Taylor suportava beijá-lo, mas Atticus objetou que eles não se beijavam muito.</p> |
| <p>The witness stand was to the right of Judge Taylor, and when we got to our seats Mr. Heck Tate was already on it.</p> | <p>O banco das testemunhas ficava à direita do juiz Taylor e quando chegamos aos nossos lugares o Sr. Heck Tate já estava lá.</p> |

Excertos do Capítulo 23

| Texto de partida | Texto de chegada |
|---|---|
| <p>After that, we were not afraid. Summer was melting away, and we made the most of it. Atticus assured us that nothing would happen to Tom Robinson until the higher court reviewed his case, and that Tom had a good chance of going free, or at least of having a new trial. He was at</p> | <p>Depois disso, perdemos o medo. O verão estava terminando e decidimos aproveitá-lo ao máximo. Atticus nos garantiu que nada aconteceria a Tom Robinson até que o tribunal superior revisse seu caso e que Tom tinha boas chances de ser libertado ou, pelo menos,</p> |

| | |
|--|--|
| <p>Enfield Prison Farm, seventy miles away in Chester County. I asked Atticus if Tom's wife and children were allowed to visit him, but Atticus said no.</p> | <p>de ter um novo julgamento. Ele estava no presídio agrícola de <i>Enfield</i>, a cento e dez quilômetros de distância, no condado de Chester. Perguntei se a esposa e os filhos de Tom podiam visitá-lo, Atticus, porém, disse que não.</p> |
| <p>"If he loses his appeal," I asked one evening, "what'll happen to him?"</p> | <p>— Se o recurso for negado — perguntei certa noite — o que vai acontecer com ele?</p> |
| <p>"He'll go to the chair," said Atticus, "unless the Governor commutes his sentence. Not time to worry yet, Scout. We've got a good chance."</p> | <p>— Ele irá para a cadeira — disse Atticus — a menos que o governador comute a pena. Ainda não é hora de se preocupar, Scout. Temos boas chances.</p> |
| <p>Jem was sprawled on the sofa reading <i>Popular Mechanics</i>. He looked up. "It ain't right. He didn't kill anybody even if he was guilty. He didn't take anybody's life."</p> | <p>Jem estava esparramado no sofá lendo <i>Popular Mechanics</i>. Ergueu os olhos. — Não é justo. Mesmo que fosse culpado, ele não matou ninguém; não tirou a vida de ninguém.</p> |
| <p>"You know rape's a capital offense in Alabama," said Atticus.</p> | <p>— Você bem sabe que estupro é crime capital no Alabama — lembrou Atticus.</p> |
| <p>"Yessir, but the jury didn't have to give him death—if they wanted to they could've gave him twenty years."</p> | <p>— Sim, senhor; mas os jurados não precisavam condená-lo à morte; se quisessem, poderiam ter fixado uma pena de vinte anos.</p> |
| <p>"Given," said Atticus. "Tom Robinson's a colored man, Jem. No jury in this part of the world's going to say, 'We think you're guilty, but not very,' on a charge like that. It was either a straight acquittal or nothing."</p> | <p>— Poderiam — concordou Atticus. — Tom Robinson é um homem de cor, Jem. Nenhum júri nesta parte do mundo vai dizer: "achamos que você é culpado, mas não muito", diante de uma acusação como essa. Era uma absolvição direta ou nada.</p> |
| <p>Jem was shaking his head. "I know it's not right, but I can't figure out what's wrong—maybe rape shouldn't be a capital offense...."</p> | <p>Jem balançava a cabeça. — Eu sei que não é justo, mas não consigo imaginar o que está errado; talvez o estupro não devesse ser crime capital...</p> |
| <p>Atticus dropped his newspaper beside his chair. He said he didn't have any quarrel with the rape statute, none whatever, but he did have deep misgivings when the state asked for and the jury gave a death penalty on purely circumstantial evidence. He glanced at me, saw I was listening, and made it easier. "-I mean, before a man is sentenced to death for murder, say, there should be one or two eye-witnesses.</p> | <p>Atticus largou o jornal ao lado da cadeira. Afirmou que não tinha nada contra a lei de estupro, absolutamente nada, mas que tinha sérias dúvidas quando o estado pedia e o júri condenava à pena de morte com base em provas meramente circunstanciais. Percebeu, de relance, que eu estava ouvindo e procurou tornar as coisas mais claras. — O que quero dizer é que, antes de um homem ser condenado, digamos, à</p> |

| | |
|--|--|
| <p>Someone should be able to say, ‘Yes, I was there and saw him pull the trigger.’”</p> | <p>morte por homicídio, deveria haver uma ou duas testemunhas oculares. Alguém que pudesse assegurar: “Sim, eu estava lá e vi quando ele puxou o gatilho.”</p> |
| <p>“But lots of folks have been hung—hanged—on circumstantial evidence,” said Jem.</p> | <p>— Mas muitas pessoas têm sido, sim, enforcadas com base em provas circunstanciais — replicou Jem.</p> |
| <p>“I know, and lots of ‘em probably deserved it, too—but in the absence of eye-witnesses there’s always a doubt, sometimes only the shadow of a doubt. The law says ‘reasonable doubt,’ but I think a defendant’s entitled to the shadow of a doubt. There’s always the possibility, no matter how improbable, that he’s innocent.</p> | <p>— Eu sei, e muitas delas provavelmente mereciam a pena; mas, na ausência de testemunhas oculares, há sempre uma dúvida, às vezes, apenas a sombra de uma dúvida. A lei fala em "dúvida razoável", mas penso que o acusado tem direito à sombra de uma dúvida. Sempre há a possibilidade, por mais improvável que seja, de ele ser inocente.</p> |
| <p>“Then it all goes back to the jury, then. We oughta do away with juries.” Jem was adamant.</p> | <p>— Então, tudo é decidido no júri. Devíamos era acabar com os júris — Jem se mostrava inflexível.</p> |
| <p>Atticus tried hard not to smile but couldn’t help it. “You’re rather hard on us, son. I think maybe there might be a better way. Change the law. Change it so that only judges have the power of fixing the penalty in capital cases.”</p> | <p>Atticus fez um esforço para não sorrir, mas não conseguiu evitar. — Você está sendo muito duro conosco, filho. Penso que talvez haja uma maneira melhor. Modificar a lei. Alterá-la para que só os juízes possam decidir em casos de pena de morte.</p> |
| <p>“Then go up to Montgomery and change the law.”</p> | <p>— Então, vá até Montgomery e mude a lei.</p> |
| <p>“You’d be surprised how hard that’d be. I won’t live to see the law changed, and if you live to see it you’ll be an old man.”</p> | <p>— Você não imagina a dificuldade que seria. Não viverei o suficiente para ver a lei alterada e, caso você consiga, já será um homem velho.</p> |
| <p>This was not good enough for Jem. “No sir, they oughta do away with juries. He wasn’t guilty in the first place and they said he was.”</p> | <p>Não foi suficiente para convencer Jem. — Não senhor, eles deveriam acabar com os júris. Para começar, Tom não era culpado e eles disseram que ele era.</p> |
| <p>“If you had been on that jury, son, and eleven other boys like you, Tom would be a free man,” said Atticus. “So far nothing in your life has interfered with your reasoning process. Those are twelve reasonable men in everyday life, Tom’s jury, but you saw something come between them and reason. You saw the same thing that night in front of the jail. When that crew went away, they didn’t go</p> | <p>— Se você estivesse naquele júri, filho, e onze outros rapazes como você, Tom seria um homem livre — assegurou Atticus. — Até agora, nada na sua vida interferiu em seu processo de raciocínio. O júri de Tom foi composto por doze homens sensatos na vida cotidiana, mas você viu algo se interpor entre eles e a razão. Você viu a mesma coisa naquela noite na frente da cadeia. Quando</p> |

| | |
|--|--|
| <p>as reasonable men, they went because we were there. There's something in our world that makes men lose their heads—they couldn't be fair if they tried. In our courts, when it's a white man's word against a black man's, the white man always wins. They're ugly, but those are the facts of life."</p> | <p>aquele bando foi embora, não o fizeram por serem sensatos, mas porque nós estávamos lá. Há algo em nosso mundo que faz os homens perderem a cabeça — eles não conseguem ser justos mesmo se tentassem. Em nossos tribunais, quando está em jogo a palavra de um homem branco contra a de um homem negro, a do homem branco sempre prevalece. São repulsivos, mas esses são os fatos da vida.</p> |
| <p>"Doesn't make it right," said Jem stolidly. He beat his fist softly on his knee. "You just can't convict a man on evidence like that—you can't."</p> | <p>— Mas não o torna justo — disse Jem impassível, enquanto batia, suavemente, com o punho no joelho. — Simplesmente, não se pode condenar um homem com provas como aquelas — Não se pode!</p> |
| <p>"You couldn't, but they could and did. The older you grow the more of it you'll see. The one place where a man ought to get a square deal is in a courtroom, be he any color of the rainbow, but people have a way of carrying their resentments right into a jury box. As you grow older, you'll see white men cheat black men every day of your life, but let me tell you something and don't you forget it — whenever a white man does that to a black man, no matter who he is, how rich he is, or how fine a family he comes from, that white man is trash."</p> | <p>— Você não poderia, mas eles puderam e o condenaram. Quanto mais você for envelhecendo, mais coisas assim você verá. Se há um lugar onde uma pessoa deve ser tratada de forma justa é em um tribunal, não importa de qual cor do arco-íris ela seja; mas as pessoas sempre encontram uma forma de levar seus ressentimentos diretamente para a bancada do júri. À medida que você envelhece, verá homens brancos enganando homens negros todos os dias de sua vida, mas deixe-me dizer uma coisa que você não deve esquecer — sempre que um homem branco fizer isso com um homem negro, não importa quem ele seja, quanto dinheiro tenha, ou de quão boa família ele provenha, esse homem branco não tem valor algum.</p> |
| <p>Atticus was speaking so quietly his last word crashed on our ears. I looked up, and his face was vehement. "There's nothing more sickening to me than a low-grade white man who'll take advantage of a Negro's ignorance. Don't fool yourselves—it's all adding up and one of these days we're going to pay the bill for it. I hope it's not in you children's time."</p> | <p>Atticus falava com tanta serenidade que sua última palavra ressoou em nossos ouvidos. Olhei para cima, e sua fisionomia se mostrava intensa. — Para mim não há nada mais repugnante do que um homem branco de quinta categoria que se aproveita da ignorância de um negro. Não se iludam — está dívida está se acumulando e, um dia desses, vamos pagar essa conta. Espero que não seja no tempo de vocês.</p> |

| | |
|---|---|
| <p>Jem was scratching his head. Suddenly his eyes widened. “Atticus,” he said, “why don’t people like us and Miss Maudie ever sit on juries? You never see anybody from Maycomb on a jury—they all come from out in the woods.”</p> | <p>Jem coçava a cabeça. De repente, seus olhos se arregalaram. — Atticus — indagou — por que pessoas como nós e a Srta. Maudie nunca participam dos júris? — Nunca se vê alguém de Maycomb num júri — todos vêm de fora, do interior.</p> |
| <p>Atticus leaned back in his rocking-chair. For some reason he looked pleased with Jem. “I was wondering when that’d occur to you,” he said. “There are lots of reasons. For one thing, Miss Maudie can’t serve on a jury because she’s a woman—”</p> | <p>Atticus recostou-se na cadeira de balanço. Por alguma razão, parecia satisfeito com Jem. — Estava me perguntando quando isso lhe ocorreria — revelou. — Há muitas razões. Para começar, a Srta. Maudie não pode participar de um júri porque é mulher...</p> |
| <p>“You mean women in Alabama can’t-?” I was indignant.</p> | <p>— Você quer dizer que as mulheres no Alabama não podem...? Estava indignada.</p> |
| <p>“I do. I guess it’s to protect our frail ladies from sordid cases like Tom’s. Besides,” Atticus grinned, “I doubt if we’d ever get a complete case tried—the ladies’d be interrupting to ask questions.”</p> | <p>— Isso mesmo. Suponho que é para proteger nossas frágeis senhoras de casos sórdidos como o de Tom. Além disso, sorriu Atticus de forma irônica, — duvido que conseguíssemos levar o julgamento até o fim — as senhoras estariam sempre interrompendo para fazer perguntas.</p> |
| <p>Jem and I laughed. Miss Maudie on a jury would be impressive. I thought of old Mrs. Dubose in her wheelchair— “Stop that rapping, John Taylor, I want to ask this man something.” Perhaps our forefathers were wise.</p> | <p>Jem e eu rimos. Seria admirável ver a senhorita Maudie em um júri. Pensei na velha Sra. Dubose em sua cadeira de rodas: “Pare de bater esse martelo, John Taylor, quero perguntar uma coisinha a este homem”. Quiçá os nossos antepassados tivessem razão.</p> |
| <p>Atticus was saying, “With people like us—that’s our share of the bill. We generally get the juries we deserve. Our stout Maycomb citizens aren’t interested, in the first place. In the second place, they’re afraid. Then, they’re—”</p> | <p>Atticus dizia: — Com pessoas como nós... esse é o preço que pagamos. Geralmente temos os júris que merecemos. Em primeiro lugar, nossos resolutos cidadãos de Maycomb não estão interessados; em segundo lugar, estão com medo. Então, eles...”</p> |
| <p>“Afraid, why?” asked Jem.</p> | <p>— Medo, por quê? — perguntou Jem.</p> |
| <p>“Well, what if—say, Mr. Link Deas had to decide the amount of damages to award, say, Miss Maudie, when Miss Rachel ran over her with a car. Link wouldn’t like the thought of losing either lady’s business at his store, would he? So he tells Judge Taylor that he can’t serve on the jury</p> | <p>— Bem, e se, digamos, o Sr. Link Deas tivesse que decidir o montante da indenização a ser concedida, digamos, à Srta. Maudie, em razão de ter sido atropelada pelo carro da Srta. Rachel. Link não iria gostar da ideia de perder negócios com nenhuma de suas clientes</p> |

| | |
|---|---|
| because he doesn't have anybody to keep store for him while he's gone. So Judge Taylor excuses him. Sometimes he excuses him wrathfully." | na loja dele, certo? Então, ele diz ao juiz Taylor que não pode fazer parte do júri porque não tem ninguém para cuidar da loja na sua ausência. Então, o juiz Taylor o dispensa; às vezes, com muita raiva. |
| "What'd make him think either one of 'em'd stop trading with him?" I asked. | — O que o faria pensar que algumas das duas deixaria de negociar com ele? — indaguei. |
| Jem said, "Miss Rachel would, Miss Maudie wouldn't. But a jury's vote's secret, Atticus." | Jem pressupôs: — A senhorita Rachel deixaria; a senhorita Maudie, não. Mas o voto dos jurados é secreto, Atticus. |
| Our father chuckled. "You've many more miles to go, son. A jury's vote's supposed to be secret. Serving on a jury forces a man to make up his mind and declare himself about something. Men don't like to do that. Sometimes it's unpleasant." | Nosso pai deu uma risadinha. — Você ainda tem muita estrada para percorrer, filho. O voto do júri supostamente é secreto. Participar de um júri força a pessoa a tomar uma decisão e a se declarar sobre algo. Os homens não gostam de fazer isso. Às vezes é desagradável. |
| "Tom's jury sho' made up its mind in a hurry," Jem muttered. | — O júri de Tom decidiu muito rápido — resmungou Jem. |
| Atticus's fingers went to his watchpocket. "No it didn't," he said, more to himself than to us. "That was the one thing that made me think, well, this may be the shadow of a beginning. That jury took a few hours. An inevitable verdict, maybe, but usually it takes 'em just a few minutes. This time—" he broke off and looked at us. "You might like to know that there was one fellow who took considerable wearing down— in the beginning he was rarin' for an outright acquittal." | Atticus tocou levemente em seu relógio de bolso. — Não, não decidiu — disse ele, mais para si mesmo do que para nós. Foi isso que me fez pensar: bem, isso pode ser o prenúncio de um começo. Esse júri demorou algumas horas. Um veredicto inevitável, talvez; mas, em geral, demora apenas alguns minutos. Dessa vez... Atticus interrompeu sua fala e olhou para nós. — Vocês vão gostar de saber que um dos jurados foi vencido depois de uma resistência considerável: a princípio, defendia entusiasticamente uma absolvição total. |

Excertos do Capítulo 30

| Texto de partida | Texto de chegada |
|--|---|
| Atticus was sitting in the swing, and Mr. Tate was in a chair next to him. The light from the livingroom windows was strong on them. I sat beside Boo. | Atticus sentara-se no balanço, e o Sr. Tate em uma cadeira ao seu lado. A luz das janelas da sala de visitas incidia intensamente sobre eles. Sentei-me ao lado de Boo. |

| | |
|--|--|
| <p>“Well, Heck,” Atticus was saying, “I guess the thing to do—good Lord, I’m losing my memory...” Atticus pushed up his glasses and pressed his fingers to his eyes. “Jem’s not quite thirteen... no, he’s already thirteen—I can’t remember. Anyway, it’ll come before county court—”</p> | <p>— Bem, Heck — Atticus tentava articular —Acho que o melhor a fazer... — Meu Deus, estou perdendo a memória... Atticus ergueu os óculos e esfregou os olhos com os dedos. — Jem ainda não completou treze anos ... não, ele já tem treze — não consigo me lembrar. Seja como for, o caso chegará à jurisdição do tribunal do condado —</p> |
| <p>“What will, Mr. Finch?” Mr. Tate uncrossed his legs and leaned forward.</p> | <p>— O que chegará, Sr. Finch? O Sr. Tate descruzou as pernas e inclinou-se para a frente.</p> |
| <p>“Of course it was clear-cut self-defence, but I’ll have to go to the office and hunt up—”</p> | <p>— É evidente, que foi uma legítima defesa clara, mas terei que ir ao escritório e procurar...</p> |
| <p>“Mr. Finch, do you think Jem killed Bob Ewell? Do you think that?”</p> | <p>— Sr. Finch, você acha que Jem matou Bob Ewell? E isso que pensa?</p> |
| <p>“You heard what Scout said, there’s no doubt about it. She said Jem got up and yanked him off her—he probably got hold of Ewell’s knife somehow in the dark... we’ll find out tomorrow.”</p> | <p>— Você ouviu o que Scout disse, não há dúvida alguma. Ela disse que Jem se levantou e tirou Ewell de cima dela; provavelmente, ele conseguiu, de alguma forma, pegar a faca de Ewell no escuro ... amanhã saberemos.</p> |
| <p>“Mis-ter Finch, hold on,” said Mr. Tate. “Jem never stabbed Bob Ewell.”</p> | <p>— Senhor Finch, espere um pouco — ponderou o Sr. Tate. Não foi Jem que esfaqueou Bob Ewell.”</p> |
| <p>Atticus was silent for a moment. He looked at Mr. Tate as if he appreciated what he said. But Atticus shook his head.</p> | <p>Atticus ficou em silêncio por um momento. Olhou para o Sr. Tate como se agradecesse o que ele dissera. Todavia, Atticus balançou a cabeça.</p> |
| <p>“Heck, it’s mighty kind of you and I know you’re doing it from that good heart of yours, but don’t start anything like that.”</p> | <p>— Heck, é muito gentil de sua parte e sei que faz isso por ter um bom coração, mas não faça isso.</p> |
| <p>Mr. Tate got up and went to the edge of the porch. He spat into the shrubbery, then thrust his hands into his hip pockets and faced Atticus. “Like what?” he said.</p> | <p>O Sr. Tate se levantou e caminhou até a extremidade da varanda. Cuspiu nos arbustos, depois enfiou as mãos nos bolsos e encarou Atticus. — Não faça o que? —indagou.</p> |
| <p>“I’m sorry if I spoke sharply, Heck,” Atticus said simply, “but nobody’s hushing this up. I don’t live that way.”</p> | <p>— Desculpe se falei rispidamente, Heck — Atticus respondeu com simplicidade — mas ninguém vai abafar este caso. Não é o meu modo de ser.</p> |
| <p>“Nobody’s gonna hush anything up, Mr. Finch.”</p> | <p>— Ninguém vai abafar nada, Sr. Finch.</p> |

| | |
|---|--|
| <p>Mr. Tate's voice was quiet, but his boots were planted so solidly on the porch floorboards it seemed that they grew there. A curious contest, the nature of which eluded me, was developing between my father and the sheriff.</p> | <p>O Sr. Tate falava calmamente; entretanto, suas botas estavam plantadas tão solidamente nas tábuas do assoalho da varanda que pareciam ter crescido ali. Uma disputa singular, cuja natureza me escapava, estava se desenvolvendo entre meu pai e o xerife.</p> |
| <p>It was Atticus's turn to get up and go to the edge of the porch. He said, "H'm," and spat dryly into the yard. He put his hands in his pockets and faced Mr. Tate.</p> | <p>Foi a vez de Atticus se levantar e ir até a beira da varanda. Pigarreou e cuspiu secamente no pátio, colocou as mãos nos bolsos e encarou o Sr. Tate.</p> |
| <p>"Heck, you haven't said it, but I know what you're thinking. Thank you for it. Jean Louise—" he turned to me. "You said Jem yanked Mr. Ewell off you?"</p> | <p>— Heck, você não disse que abafaria o caso, mas sei o que você está pensando e te agradeço. Jean Louise ... ele se virou para mim. — Você disse que Jem tirou o Sr. Ewell de cima de você?</p> |
| <p>"Yes sir, that's what I thought... I—"</p> | <p>— Sim senhor, foi o que eu pensei ... eu...</p> |
| <p>"See there, Heck? Thank you from the bottom of my heart, but I don't want my boy starting out with something like this over his head. Best way to clear the air is to have it all out in the open. Let the county come and bring sandwiches. I don't want him growing up with a whisper about him, I don't want anybody saying, 'Jem Finch... his daddy paid a mint to get him out of that.' Sooner we get this over with the better."</p> | <p>— Está percebendo, Heck? Agradeço do fundo do meu coração, mas não quero que meu filho comece sua jornada com esse peso nas costas. O melhor que temos a fazer é trazer tudo à luz do dia. Que os moradores do condado venham assistir e que tragam seus sanduíches. Não quero que ele cresça com insinuações pesando sobre ele, não quero que alguém diga: "Jem Finch... o pai dele pagou uma fortuna para o livrar desse caso." Quanto mais cedo resolvermos isto, melhor".</p> |
| <p>"Mr. Finch," Mr. Tate said stolidly, "Bob Ewell fell on his knife. He killed himself."</p> | <p>— Sr. Finch — o Sr. Tate disse impassível — Bob Ewell caiu sobre sua faca. Ele se matou.</p> |
| <p>Atticus walked to the corner of the porch. He looked at the wisteria vine. In his own way, I thought, each was as stubborn as the other. I wondered who would give in first. Atticus's stubbornness was quiet and rarely evident, but in some ways he was as set as the Cunninghams. Mr. Tate's was unschooled and blunt, but it was equal to my father's.</p> | <p>Atticus caminhou até o canto da varanda. Olhou para as glicínias. À sua maneira, pensei, cada um era tão teimoso quanto o outro e me perguntei quem cederia primeiro. A teimosia de Atticus era calma e quase sempre contida, mas em alguns aspectos ele era tão obstinado quanto os Cunninghams; a do Sr. Tate, era inculta e contundente, mas era igual à de meu pai.</p> |
| <p>"Heck," Atticus's back was turned. "If this thing's hushed up it'll be a simple denial to Jem of the way I've tried to raise him.</p> | <p>— Heck — Atticus estava de costas. — Se isto for abafado, parecerá a Jem uma clara negação da forma como tentei criá-</p> |

Sometimes I think I'm a total failure as a parent, but I'm all they've got. Before Jem looks at anyone else he looks at me, and I've tried to live so I can look squarely back at him... if I connived at something like this, frankly I couldn't meet his eye, and the day I can't do that I'll know I've lost him. I don't want to lose him and Scout, because they're all I've got."

lo. Às vezes, penso que sou um fracasso total como pai, mas sou tudo o que eles têm. Antes que Jem olhe para qualquer outra pessoa, ele olha para mim, e procuro viver de modo a poder olhar de volta diretamente para ele ... se eu for conivente com algo assim, francamente, não conseguiria olhar diretamente para ele, e no dia em que não puder fazer isso, saberei que o perdi. Não quero perder nem ele nem a Scout, porque eles são tudo que eu tenho.